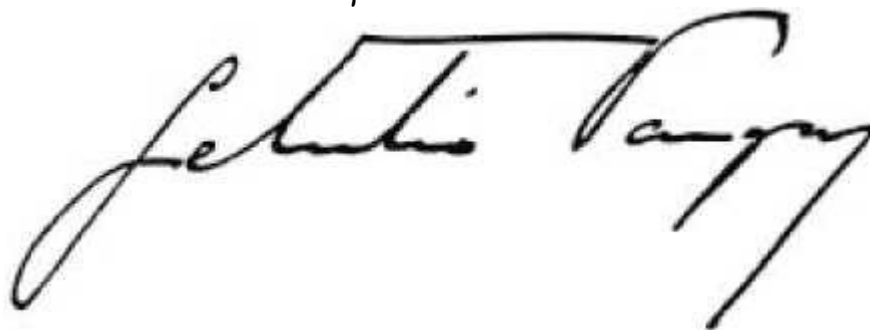


Getúlio

"E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo... Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História."



INDICE

EDITORIAL	3
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>Getúlio na memória popular</i>	3
"Sua marca ficou para sempre"	4
"Ainda guardo o busto de Getúlio que ganhei de meu tio"	4
"Getúlio parecia mais nosso que de outros Estados"	5
"Um estadista não hesitaria entre os nazifascistas e os aliados"	5
Entrevista com João Aveline	5
"Vargas entrava em pânico ao ouvir falar de centrais sindicais"	8

Entrevista com Lauro Hagemann	8
"A indústria nacional custou o sangue de Olga e dos nossos pracinhas"	11
Entrevista com Antônio de Pádua Ferreira da Silva	11
<i>Getúlio, os sindicatos e a greve de 1953</i>	13
Entrevista com José Alvaro Moisés	13
<i>Getúlio e a revolução brasileira</i>	15
Entrevista com Gilberto Vasconcellos	15
<i>Um romance historiográfico sobre a vida de getúlio</i>	17
Entrevista com Juremir Machado da Silva	17
<i>Samba e identidade nacional na era Vargas</i>	21
Entrevista com Magno Bissoli	21
<i>A última viagem de Getúlio antes de sua morte</i>	25
Vargas não aceitou a desculpa intermediada por Tancredo	26
A última recepção popular	26
Uma noite para esquecer a crise	27
Reconciliação com Deus?	27
DESTAQUES DA SEMANA	28
LIVRO DA SEMANA	28
Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social, de Fernando Braga da Costa. Rio de Janeiro: Globo. 2004.	28
'Senti um mal-estar súbito: ninguém mais me via'	28
MEMÓRIA	31
Maria de Lurdes Pintasilgo - 1930-2004	31
DEU NOS JORNAIS	33
FRASES DA SEMANA	38
EVENTOS IHU	40
IHU IDÉIAS	40
Getúlio, 50 anos depois	41
II CICLO DE ESTUDOS SOBRE <i>O MÉTODO</i> , DE EDGAR MORIN	41
SALA DE LEITURA	42
ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS	43
A IGREJA DOMÉSTICA: ESTRATÉGIAS TELEVISIVAS	44
DE CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELIGIOSIDADES	44
PROJETO PEPOL GANHA MAPEAMENTO	44
IHU REPÓRTER	45
ANA KARINA CUNHA	45
SALA DE LEITURA	48
CARTAS DO LEITOR	48
Eugenia e Bioética	48
Participe das enquetes do IHU	49

EDITORIAL

*Uma avalanche de artigos, depoimentos, análises sobre Getúlio Vargas inundaram os grandes jornais do Brasil, por ocasião do cinquentenário da sua morte. Assim, cadernos especiais foram publicados pelos jornais **Folha de S. Paulo**, **O Estado de S. Paulo** e **O Globo**, neste domingo, dia 22 de agosto. O jornal **Zero Hora** dedicou o seu caderno Cultura, de sábado passado ao tema, inclusive divulgando o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão. 1954-2004, que iniciará nesta segunda-feira, aqui na Unisinos e é promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos e pelo PPG de História. Igualmente o **JU Online** fez uma excelente divulgação do Seminário Nacional, durante a semana passada, entrevistando alguns dos conferencistas que estarão conosco nesta semana. As entrevistas podem ser lidas no sítio www.unisinos.br.*

*O **IHU On-Line**, que já na semana passada, entrou no debate sobre a Era Vargas e continua a tratar do tema neste número. Inspirados pela Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios, que será aberta, hoje, no início dos trabalhos do Seminário Nacional, saímos a campo para ouvir depoimentos de pessoas que testemunharam a Era Vargas. Colhemos o depoimento de homens e mulheres, políticos, sindicalistas, professores, pessoas do povo, que viveram intensamente a crise de agosto de 1954. Esse número também entrevistou diversos intelectuais, como Gilberto Vasconcellos, Juremir Machado da Silva e Magno Bissoli, músico e historiador que analisa o samba na formação da identidade nacional a partir da Era Vargas.*

Na editoria memória, recordamos Maria de Lurdes Pintasilgo, a primeira e única mulher a ocupar o cargo de primeiro-ministro de Portugal, recentemente falecida. Inspirada em Simone Weil, assumiu o compromisso político como expressão concreta da luta pela justiça. Segundo Boaventura de Sousa Santos, trata-se da “mais insigne política que o 25 de abril nos deu”.

Uma ótima semana e uma excelente leitura para todas e todos, especialmente os participantes do Seminário Nacional A Era Vargas em questão. 1954-2004!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

GETÚLIO NA MEMÓRIA POPULAR

*Para a presente edição **IHU On-Line** escutou diversas pessoas da área acadêmica, política e cidadãos que tinham diversos graus de protagonismo na vida do País, cinquenta anos atrás, com o objetivo de resgatar parte do que há na memória popular e no debate político de historiadores e sociólogos sobre a importância da Era Vargas na história brasileira. Debate que se prolonga, a partir de hoje, com o início do Seminário Nacional “A Era Vargas em questão 1954-2004”, promovido pelo IHU, que se estende até a quarta-feira.*

"SUA MARCA FICOU PARA SEMPRE"

Martins Avelino Santini, 85 anos, define-se como um dos poucos sobreviventes de sua geração. Atualmente aposentado, mora com sua esposa em Novo Hamburgo e desfruta de seus três filhos, netos e bisnetos. O pai da profa. Emi Maria Santini Saft, diretora da Unidade Acadêmica de Graduação da Unisinos, foi prefeito de Novo Hamburgo pela coligação PTB-PRP, no período de 1959 a 1963 e deputado estadual entre 1967 e 1975. Santini afirma que Vargas deixou sua marca no País para sempre. "Eu estive com Getúlio Vargas, sendo militar, porque fui designado como um dos representantes para a homenagem aos heróis de Laguna (da Guerra do Paraguai). Eu ia compor o pelotão que se dirigia ao Rio de Janeiro para a solenidade. Lá estavam o Ministro de Guerra Eurico Gaspar Dutra, que depois seria presidente, e o presidente da República Getúlio Vargas. Como militares nos mantivemos à distância, mas foi muito importante para mim ter estado como guarda de honra de Getúlio na solenidade, junto a outros 35 soldados gaúchos. Eu tinha saído do exército para cuidar dos filhos, mas, na época da Segunda Guerra, fui chamado novamente. Como militar, eu servia no batalhão ferroviário. Saí para trabalhar como servidor público na Previdência Social, porque queria estar mais próximo na educação dos meus filhos. Alguns anos depois, o pessoal do PTB-PRP insistiu para que eu me candidatasse a Prefeito. Eu não queria, mas eles insistiram, apelaram à questão do patriotismo e nós tínhamos isso muito forte na nossa formação. Aceitei como missão. Getúlio me tinha causado um grande impacto, quando eu era jovem. Eu tinha ouvido falar muito nele, quando foi governador do Rio Grande do Sul. Tinha um carisma, um poder de atração e domínio muito grande. Minha geração tinha adoração por Getúlio e um pouco também por João Goulart. Ele era "uma cria" de Getúlio. A ele, sim, conheci pessoalmente, inclusive estive na minha casa, em Novo Hamburgo, em 1963. No dia 24 de agosto de 1954, eu ia para o trabalho de manhã e encontrei pessoas na rua, pedindo para fazer uma concentração na praça. Ali um colega tomou a palavra e disse que Getúlio tinha se matado. Foi um impacto muito forte, tristeza geral, perplexidade. Não dava para entender como ele, com todo aquele carisma, tinha tirado sua própria vida. E cada vez iam chegando mais pessoas na concentração. Ficamos com um grande desconcerto. Não sabíamos o que iria acontecer agora sem Getúlio.

Tempo depois, o Congresso do Partido Trabalhista Brasileiro decidiu colocar uma placa comemorativa com a carta testamento de Getúlio, na Praça da Alfândega, em Porto Alegre e eu fui designado para falar no evento. Durante a noite anterior, não consegui dormir preparando o discurso, as palavras da carta testamento davam voltas na minha cabeça.

Getúlio tirou o País de um estágio indefinido para um país forte agrícola e industrial. Transformou a política e a economia.

A importância de Getúlio foi decisiva. A marca de Getúlio está por todas as partes: na Petrobrás, em Volta Redonda. Foi o patrono de toda a legislação trabalhista e da previdência social. Quando eu tinha 14 anos, aprendi um ofício e tinha que trabalhar um ano de graça, sem horário. Quando veio o regime de oito horas foi uma bênção. Getúlio nos fez passar de um regime de escravatura para uma relação bem mais ordenada de capital e trabalho".

"AINDA GUARDO O BUSTO DE GETÚLIO QUE GANHEI DE MEU TIO"

Com as dificuldades próprias do distanciamento temporal, Osvaldo Valin de Oliveira, 64 anos, que foi funcionário da indústria calçadista e delegado sindical em São Leopoldo, recorda fatos que considera marcantes da vida do ex-presidente Getúlio Vargas. "O trabalho dele foi bem elaborado, e o povo não esquece do que é bom. Getúlio Vargas foi um grande homem. Os direitos que adquirimos foram obra dele. Vargas ficou como símbolo na política. Ele sempre foi

lutador pelos democráticos. Lembro o dia da morte dele. Acho que foi às 9 horas da manhã. Eu estava no engenho, com os bois, moendo cana, lá em Três Cachoeiras, quando veio a notícia que o Getúlio Vargas tinha se matado. Soubemos por um mensageiro. A gente era fã de Getúlio. Ficou todo mundo amedrontado, porque pensamos que ia dar uma guerra. Ficamos apavorados, porque ninguém sabia o que ia acontecer, só sabíamos que as coisas não iam mais ficar como eram. Depois tinha aquela carta que ele deixou. O meu irmão Edílio, era mais velho, muito getulista, fez uma letra de música baseado na carta de Getúlio, e eu cantava. A música começava assim 'Mais uma vez, meus patrícios, a força da reação, revolta contra seu povo...' Eu ganhei um busto de Getúlio Vargas, de ferro fundido, que meu tio Armindo Silveira fez e me deu, porque sabia que eu era fã de Getúlio Vargas, que até hoje guardo comigo!''.

"GETÚLIO PARECIA MAIS NOSSO QUE DE OUTROS ESTADOS"

Maria Lony Becker, 68 anos, residente em Montenegro, é professora aposentada, formada em Letras-Ingês pela Unisinos. Ela guarda muito bem entre suas lembranças o dia da morte de Geúlio Vargas. "Foi no ano do meu casamento, há 50 anos. No dia 24 de agosto, saí a cavalo até a casa da minha madrinha, no interior do município de Maratá, para levar meu convite de casamento. Quando estávamos todos lá, alguém ligou o rádio para ouvir as notícias do correspondente "Repórter Esso". Foi então que ele anunciou que Getúlio tinha se matado. Foi uma loucura. As pessoas tiveram uma reação muito séria. Ficava tocando a uma música característica do assunto da morte dele o tempo todo. A notícia se espalhou entre os vizinhos feito rastilho de pólvora. O povo só falava nisso. Tinha no ar uma sensação de perda muito grande. Aqui no Sul, acho que mais. A gente sabia que o Getúlio era daqui e por isso ele parecia mais nosso do que dos outros estados. Eu, até então, mal sabia o nome do presidente. Naquela época, política era assunto de homem. As mulheres se encontravam na frente da igreja, antes da missa, ou nas festas de Kerb, mas não falávamos de política. Eu só fiz o título de eleitora em 1955. Lembro que Getúlio criou as leis que davam direito para os trabalhadores. Mas fiquei sabendo disso porque ouvia os homens que tinham empregados se preocupando com o registro e essas coisas. Hoje a política é diferente, parece que eles estão dentro da casa da gente. Naquela época, nem televisão tinha e a gente passava dias sem saber o que o presidente fazia".

[\(Voltar ao índice\)](#)

"UM ESTADISTA NÃO HESITARIA ENTRE OS NAZIFASCISTAS E OS ALIADOS"

Entrevista com João Aveline

O jornalista João Aveline amou e odiou Getúlio Vargas. Primeiro, influenciado pelo padrão de honradez gaúcho, herdado do positivismo e simbolizado em Vargas. Depois, já militante do Partido Comunista, horrorizado com a truculência do Estado Novo que, sob as ordens do Presidente que, entre outras atrocidades, entregou aos nazistas Olga Benário Prestes, grávida de um brasileiro. Hoje, Aveline procura olhar para o legado varguista com isenção. Reconhece os méritos da Revolução de 1930, dos esforços para a industrialização do País, da política nacionalista e, até, dos avanços organizativos dos trabalhadores - malgrado o controle que o governo mantinha sobre os sindicalistas. Mas de uma coisa nosso entrevistado tem

¹ Este busto poderá ser visto na Exposição **Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlio** que vai ser aberta, hoje, dia 23 de agosto, na abertura do Seminário Nacional **A Era Vargas em Questão**. (Nota do **IHU On-Line**).

*certeza: os crimes patrocinados por Vargas não permitem que ele seja chamado de estadista, assim como um verdadeiro estadista não hesitaria entre os nazifascistas e os aliados, na Segunda Grande Guerra. João Aveline, que foi entrevistado por telefone, participará do Seminário Nacional A Era Vargas em questão - 1954 - 2004, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. O evento começa hoje, dia 23, e se estenderá até o dia 25 quando, às 14hs30min Aveline dará um depoimento sobre os movimentos operários e sindicais, as greves e os partidos políticos. Ele também foi entrevistado por **IHU On-Line** para a edição n.º 107, de 28 de junho de 2004, quando recordou sua convivência com Leonel Brizola.*

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre Vargas e o seu legado?

João Aveline - No meu tempo de adolescência, aluno do Colégio Militar, eu era apaixonado por Vargas. A minha geração foi educada sob o positivismo, com Borges de Medeiros e Júlio de Castilhos, dois padrões de honradez. Essa era a escola de Getúlio, um homem honrado. Depois, numa fase posterior, já começando a militar na juventude comunista, chegamos à conclusão, no partido, que Vargas não era aquilo que eu imaginava que ele fosse. Mas a revolução de 1930 não foi um golpe militar. Foi uma revolução de fato, que trouxe algumas transformações, houve progresso. Os trabalhadores que eram obrigados a trabalhar até quatorze horas, passaram a ter uma carga horária de oito horas por dia, veio a carteira do Ministério do Trabalho, que era uma carta de cidadania. E o voto feminino, na Constituição de 1934. Os trabalhadores passaram a ter seus sindicatos de classe, ele estimulava a sindicalização. Governou democraticamente até 1937 e deu um golpe militar. Ele tinha uma influência muito grande sobre os militares. Quando ele deu o golpe, que foi decorrência de uma situação revolucionária que existia no Brasil, a Revolução de 1935, que foi um erro dos comunistas, mas de qualquer maneira foi uma revolução que aconteceu e ele se aproveitou desse erro. E promulgou uma carta fascista, que era "a polaca", denominada assim porque era uma cópia da carta da constituição polonesa. Nesse processo, ele revelou um componente acentuadamente nacionalista, quando incluiu, na Carta, um artigo em que dizia que tudo aquilo que estivesse no subsolo era propriedade da União. Isso queria dizer: ouro e petróleo são propriedades da União. Mas o Estado Novo foi um período muito duro para o Brasil, de muita prepotência, muita gente foi morta, houve tortura. Nesse período, numa madrugada, ele mandou tirar da prisão Olga Benário Prestes, uma mulher grávida com um filho brasileiro no ventre. Botou num porão de um navio e entregou para a Alemanha. O Getúlio cometeu muitos crimes. Chegou a Segunda Guerra, houve então a campanha, de Norte a Sul, com a participação dos comunistas, inclusive, defendendo o envio uma força expedicionária para a Europa. Por que, do ponto de vista comunista? Primeiro: era uma obrigação nossa, como brasileiros, participar da luta que a humanidade travava em defesa da democracia. Segundo, já do ponto de vista tático-político, mandando uma tropa expedicionária para a Europa, para lutar ao lado da democracia, essa tropa expedicionária, quando voltasse para o Brasil naturalmente teria que encontrar um clima democrático, ou pelo menos um movimento fortíssimo em favor da democracia, e foi o que aconteceu.

IHU On-Line - Como o senhor analisa a relação de Vargas com os trabalhadores?

João Aveline - Sabe como se realizava uma assembléia de trabalhadores no Estado Novo? Ficavam na mesa o presidente e os demais dirigentes do sindicato, o representante do Ministério do Trabalho, e o representante do Departamento Trabalhista do Departamento de Ordem Política e Social (Dops). Claro que as forças mais avançadas da sociedade criticavam isso, mas como havia censura, essas críticas nem sequer chegavam aos ouvidos do público. Nesse período, Getúlio se comportou assim com os trabalhadores. Mas em 1950, já há um outro arejamento. Ele procurou desenvolver uma política de capitalismo independente do Brasil,

longe da tutela do imperialismo norte-americano. Criou Volta Redonda, a Petrobrás, de onde resultou o monopólio estatal do petróleo. Por causa dessa política de capitalismo independente para o Brasil, Getúlio feria interesses imperialistas norte-americanos no Brasil e seus agentes internos. Carlos Lacerda, um jornalista muito inteligente, muito capaz, um agitador de primeira grandeza, um homem muito culto, atrevido e agressivo, liderou uma campanha nacional contra Getúlio. praticamente com os meios de comunicação na mão. Chegamos ao dia 24 de agosto, numa reunião do Ministério que começou no meio da tarde e foi até a madrugada. Desta reunião, resultou a seguinte resolução: o presidente Getúlio Vargas seria afastado provisoriamente por seis meses do governo. Terminada a reunião, Getúlio se retirou para seus aposentos e deu um tiro no peito.

IHU On-Line - Foi um gesto político?

João Aveline - Ele conhecia o poder de fogo dos inimigos nos planos externo e interno. Viu que não tinha salvação e que não voltaria mais ao poder. Por que ele fez isso, por que se suicidou? Vargas foi um homem que, apeado do poder, covardemente deu um tiro no peito para se desvencilhar das responsabilidades? Não. Ele foi um político, planejou seu suicídio. Com seu sangue, ele respondeu a investida imperialista e golpista, com grande eficácia, porque a crise, que era acentuadíssima, deu um giro de 180° graus. E os golpistas então recuaram e deram a solução constitucional à crise. Essa solução foi a posse do vice-presidente Café Filho. O povo estava na rua, e isso assusta qualquer um. Para se ter a idéia de que não se tratou de um gesto treloucado, na cabeceira na cama tinha uma carta datilografada. Nessa carta, ele denunciava as ingerências externas do País e dizia que saía da vida para entrar na história. Esse era o Getúlio.

IHU On-Line - O senhor o considerava um estadista?

João Aveline - Tem gente que diz que ele foi um estadista. Eu não me atrevo a tanto, porque um estadista, em primeiro lugar, não pode cometer os crimes que cometeu no Estado Novo, principalmente aquele que levou a Olga Benário a um campo de concentração para morrer na câmara de gás. Ele também tinha, nas suas prisões, no Estado Novo, um camarada chamado Ari Berger, que era um alemão que estava aqui no Brasil para dar instruções aos comunistas brasileiros em relação à revolução de 1935. Esse homem foi tão maltratado na polícia que o advogado Sobral Pinto, advogado do Prestes, invocou a lei de proteção aos animais para salvá-lo da tortura que estava sofrendo na prisão. Quem procede assim não pode ser estadista. Quem diz que o voto não enche barriga, como ele dizia durante o Estado Novo, não é um estadista. Um estadista não vacilaria na Segunda Guerra Mundial, sem saber para que lado ia, se para os nazifascistas ou para os aliados. Se vacilou foi porque admitia a hipótese de que pudesse ganhar um dos dois lados. Se ganhasse o lado alemão, ele naturalmente admitia a hipótese de participar de um mundo nazista. Então não tinha visão de mundo. Por essa razão, eu digo: o Getúlio foi um dos políticos mais importantes do século vinte em nosso país. Não dá para negar a sua contribuição ao processo de desenvolvimento do nosso país; não dá para negar que, em determinados momentos de sua vida, ele teve posições políticas corretas, como o próprio suicídio. Foi um homem muito importante. Mas, no meu entender, ele cometeu muito mais erros do que acertos, por isso ele não chegou a ser um estadista.

IHU On-Line - Especificamente sobre o que diz respeito aos avanços trabalhistas, como o senhor o classificaria?

João Aveline - Não dá para negar que Getúlio, quando assumiu o governo em 1930, ele vinha imbuído de mudanças, impulsionado também pelo movimento tenentista dos anos 1920, pela

pequena burguesia militar, reivindicando mais progresso para o Brasil ou mais liberdade, mais democracia, mais desenvolvimento. Estimulou a organização dos trabalhadores, houve um salto em favor dos interesses dos trabalhadores não só do ponto de vista das suas reivindicações, mas também do ponto de vista de sua organização como classe, como categorias profissionais. Mas ele fez uma política toda fracionada, para que os trabalhadores não tivessem condição de fazer a sua política do ponto de vista global. As organizações de classes dos trabalhadores, suposta ou aparentemente independentes, eram todas manobradas pelo Ministério do Trabalho. E esse Ministério se valia no movimento sindical de alguns pelegos. No governo Getúlio, era muito comum ver um pedreiro de mão feita em manicura.

IHU On-Line - Esse peleguismo atrasou muito o sindicalismo brasileiro.

João Aveline - Claro. Getúlio deu tudo, mas ficou com as rédeas, através do movimento sindical todo compartimentado, se apoiando em pelegos e ao mesmo tempo fazendo uma política populista de agrado aos trabalhadores. Hoje temos que ter uma visão muito isenta. Já fui apaixonado pelo Getúlio, já tive ódio dele, hoje tenho mais ou menos uma posição isenta, do ponto de vista de análise. O Getúlio foi o único homem na nossa história que fundou dois partidos, o Partido Social Democrático – PSD -, que atendia os interesses do latifúndio, e o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB - que era voltado para a área urbana, o proletariado urbano. Porque ele sabia que não dava para misturar as duas coisas.

IHU On-Line - Mas ele foi abandonado pelo PSD depois...

João Aveline - Não sei se dá para dizer que ele foi abandonado, porque o Getúlio, a rigor, estava muito acima dos partidos. Ele tinha uma personalidade tão forte que os partidos andavam a reboque dele. Getúlio só não teve uma influência marcante, decisiva, inquestionável em São Paulo, porque em São Paulo predomina um outro tipo de populismo, que vem do norte. Quem vem num pau-de-arara e chega a São Paulo e vai trabalhar de mestre de obra, ou vai trabalhar de vigia de uma obra com carteira assinada, ganha uma carta de alforria. E São Paulo sempre teve políticos que manobram muito bem isso. Dois deles podemos chamar mestres: o Ademar de Barros e o Jânio Quadros. Getúlio só se elegeu Presidente da República em 1950 quando fez um acordo com Ademar de Barros. Esse acordo era de que, em 1950, Vargas seria o candidato e no mandato seguinte, o candidato seria o Ademar, que era do Partido Social Progressista, que ele fundou, um partido pequeno, mas que tinha uma influência muito grande em São Paulo e no resto do País. Ele se apoiava em determinados estados, até em forças da esquerda. Quando o Partido Comunista estava na iminência de ser cassado, elegeu alguns parlamentares sob a legenda do PSP.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"VARGAS ENTRAVA EM PÂNICO AO OUVIR FALAR DE CENTRAIS SINDICAIS"

Entrevista com Lauro Hagemann

Getúlio Vargas dedicou boa parte dos seus esforços políticos para impedir a emancipação dos trabalhadores, adotando uma legislação trabalhista inspirada no fascismo. Essa é a constatação do jornalista e radialista Lauro Hagemann. Por isso, considera o legado varguista "negativo", com destaque para a referida legislação. Foi apoiado nela que, como ditador e, depois, Presidente da República, Vargas impediu a unificação dos trabalhadores brasileiros e o seu reconhecimento como classe. Segundo Hagemann – líder sindical que fundou e presidiu o sindicato dos radialistas gaúchos e presidiu o sindicato dos jornalistas - Vargas "entrava em pânico" ao ouvir falar na criação de centrais sindicais, já poderosas em toda a América Latina, cujo

nascimento ele tratou de impedir, no Brasil. Entretanto, nosso entrevistado reconhece que, em sua fase democrática – que não impediu as perseguições aos comunistas – Vargas conduziu importantes mudanças econômicas, mudando a face do País. E observa que somente agora está começando a interpretação dos fatos e datas da Era Vargas, e finalmente sendo produzida a sua história. Militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ex-deputado estadual cassado em 1968, vereador porto-alegrense por cinco legislaturas, Hagemann atualmente está filiado ao PMDB. Foi entrevistado por telefone. Ele participará do Seminário Nacional “A Era Vargas em questão 1954-2004”, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, de 23 a 25 de agosto corrente. No dia 25, às 14 horas, dará um depoimento sobre o movimento sindical e operário. Lauro Hagemann foi locutor, de 1950 a 1964, da edição local “Repórter Esso”, noticiário transmitido pela Rádio Farroupilha, então pertencente aos Diários Associados.

IHU On-Line – Quais são as suas recordações marcantes do período varguista?

Lauro Hagemann – Eu vivi a Era Vargas. Estava em Novo Hamburgo, quando Vargas passou por lá, em campanha, em 1950. A história é longa, posso recordar fatos incidentais. A minha vivência está mais ligada à questão sindical. Quando eu fui dirigente sindical, eu tive de aturar a CLT [Consolidação das Leis do Trabalho], que foi herança dele. A Consolidação é de 1942. Ele usou o pior método para criar uma estrutura sindical. Nunca apoiei nem aplaudi a estrutura sindical que o Vargas nos legou, porque era nitidamente fascista. Ele proporcionou algo imperdoável: nunca permitiu, que pela Consolidação, se aproximassem as categorias profissionais. Manteve-as todas estanques. Por isso é que, por longos anos, nós não tivemos uma central sindical. Essa é uma das razões para a demora do surgimento das centrais. A outra foi a falta de iniciativa da própria classe operária, que não quis quebrar esse *status quo*. Além disso, ele sempre beneficiou todos os dirigentes e as entidades sindicais. Foi o que se denominou depois de “pelegagem sindical”. Claro, isso não acontecia com todos, tínhamos honrosas exceções, mas a estrutura varguista favorecia os pelegos.

IHU On-Line – O senhor pode falar sobre as tentativas de organização das centrais sindicais?

Lauro Hagemann – Tínhamos que conviver com a CLT, não tinha outro jeito. Mas mesmo assim, aqui no Sul, tentamos várias vezes formar uma central, não conseguimos. Quando não esbarrávamos no problema político, esbarrávamos no problema legal. A lei não permitia que se juntasse marceneiro com radialista, por exemplo, em uma central. Assim as categorias ficavam estanques, como eu disse. Isso é o que queria o Vargas, com a estrutura sindical imposta: comerciário de um lado, industriário de outro, marítimo de outro, aeroviário, bancário – todos separados, não era permitido agir em conjunto, porque uma vez juntos, ninguém mais nos dominaria. Então, o movimento dos trabalhadores era fraco por isso, era dividido, e dividido por cima. As centrais que surgem depois, como a CUT, surgem à revelia da CLT, que não permitia e não permite isso. Só que agora ninguém se preocupa com essa unificação.

IHU On-Line – Como essa prática se refletia na sua atividade como radialista e sindicalista?

Lauro Hagemann – A primeira legislação sobre rádio foi dele, em 1932. Foi um decreto que obrigava os locutores a se tornarem jornalistas. Foi antes da CLT, portanto. Eu comecei no rádio em 1946. Na atividade sindical, fundamos o MIA – Movimento Intersindical Antiarrocho. Foi uma tentativa de fundar uma central, mas esbarrávamos na própria concepção “sindicalista” dos dirigentes. Aí, já estávamos no final dos anos 1970. Mas essa foi a herança dele. Aliás, a

CLT é uma herança também do Lindolfo Collor², pai do “Colorzinho”³, que começou a trabalhar nessa idéia. Essa história da CLT ainda precisa ser esmiuçada com uma lente de aumento... O Vargas e a sua turma entravam em pânico quando se falava em central sindical. As centrais já existiam, na América, e eram poderosas. Obrigavam os governos a andar na linha. Como Vargas tinha um vezo autoritário, pensar em união dos trabalhadores era algo insuportável. A legislação trabalhista veio para manter a divisão.

IHU On-Line – Quando o senhor ingressou no Partido Comunista? Como era o clima político dessa época?

Lauro Hagemann – Eu ingressei no partido em 1973. foi nele que eu aprendi o que era política, o que era partido. A minha vida sindical começou em 1950 e poucos, sempre ligada ao jornal, rádio, à comunicação. Quanto ao clima, era bagunça generalizada – parecido com o clima político de hoje, ninguém tem noções das coisas certas, tudo é improvisado, muita politicagem, muita questão pessoal. O caso é que a classe operária brasileira sempre foi muito atrasada, é preciso dizer isso com todas as letras. E ela não tinha noção do que fosse classe operária. Cada um brigava pelo seu pedacinho, não havia noção de conjunto, senso de pátria. Essa fragilidade começou com Vargas, e continua. Essa influência foi tão forte que essa dissensão continuou mesmo depois da fundação da CUT. Só agora é que estão falando em revisar a CLT, coisa que nós tentamos desde 1950.

IHU On-Line – Nesse aspecto, o senhor considera negativo o legado varguista?

Lauro Hagemann – Sim, foi negativo, pois ele copiou a estrutura sindical do fascismo, como sabemos. Não havia democracia. Mas é verdade que a vida do País mudou com Vargas, pois quando ele chegou à cena política pela via democrática, surgiram a Petrobrás, a base da indústria do aço, que gerou a indústria automobilística. Ele teve duas personalidades políticas, uma autoritária e outra democrática. Essas modificações econômicas foram muito importantes, deixaram um rastro. Mas o Partido Comunista vivia numa semilegalidade. E as lutas políticas do Vargas eram pela “governadoria” do País, pois no Brasil o poder nunca mudou de mãos. Vamos deixar isso bem claro, a classe econômica mais abonada sempre foi a predominante, mesmo no tempo dele.

IHU On-Line – Como se explica a presença marcante da memória de Vargas?

Lauro Hagemann – Ele foi um populista, ficou conhecido como “o pai dos pobres”, fazia muitas concessões demagógicas... embora muitas mudanças tivessem algum conteúdo. Tanto que o País passou da economia agrícola para a industrial. Na minha profissão é que nada mudou.

IHU On-Line – Como locutor, o senhor noticiou a morte de Vargas...

Lauro Hagemann – Sim, é algo que vou levar comigo, profissionalmente é uma coisa muito interessante. Não é todo mundo que tem a possibilidade de ter feito algo assim. Eu soube do atentado da Rua Tonelero no Rio de Janeiro, quando estava voltando para Porto Alegre, depois de ter participado de um congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), como estudante de jornalismo, eu era delegado. Daí por diante tudo aconteceu muito rápido, muitos fatos, muitas notícias... Muita coisa não se sabia. E o desfecho foi ligeiro. Mas todas essas coisas que

² Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, no período de 1930 a 1932. A CLT origina-se do **Decreto-Lei 5.452** de 1º de maio de 1943 (Nota do *IHU On-Line*).

³ O entrevistado refere-se a Fernando Collor de Mello, presidente do Brasil de 1990 a 1992 (Nota do *IHU On-Line*).

eu estou falando são apenas fatos e datas, e isso não é história. O que vale é a interpretação, e somente agora está se começando a fazer isso.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"A INDÚSTRIA NACIONAL CUSTOU O SANGUE DE OLGA E DOS NOSSOS PRACINHAS"

Entrevista com Antônio de Pádua Ferreira da Silva

Antônio de Pádua Ferreira da Silva, 82 anos, é um trabalhista histórico. Conhecido como Professor Pádua, foi um dos fundadores do Partido Trabalhista Brasileiro, permanecendo no seu sucedâneo, o Partido Democrático Trabalhista. Na sua opinião, o Brasil de hoje, que não o agrada, resulta de uma revolução incompleta: a Revolução de 1930. Trata-se, para ele, do único episódio brasileiro genuinamente revolucionário, pois alterou as estruturas, acabando com o Brasil agrário e atrasado, mas não conseguiu acabar com a concentração de riquezas, que ocupou o lugar dos latifundiários na cena política. Se isso ocorreu, deve-se à ação dos golpistas que levaram Getúlio Vargas ao suicídio e forjaram a ditadura militar em 1964, com o propósito de acabar com o PTB. Apesar de tudo, o legado varguista persiste, básico que foi para o desenvolvimento nacional, fruto da mente de um estadista. O professor Pádua considera uma inverdade afirmar que Getúlio Vargas entregou Olga Benário Prestes para que os nazistas a matassem, lembrando que ela foi extraditada legalmente, condenada que estava na Alemanha. E que esse gesto, entre outros, de convivência com os alemães, serviu para pressionar os Estados Unidos a permitirem a construção da Usina de Volta Redonda, cuja negociação previa também o envio de soldados brasileiros à guerra. Para ele, muitos não compreendem que a indústria nacional custou o sangue de Olga e dos pracinhas. A começar por Fernando Henrique Cardoso, que vendeu as estatais brasileiras. Pádua é Licenciado em Matemática, pela UFRGS, e formado em Administração – Comércio Exterior, pelo Centro Universitário La Salle. Foi professor de Matemática Financeira na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de 1953 a 1964. Fundou e foi o 1º vice-presidente da Executiva Estadual e presidente da Executiva Municipal de Porto Alegre do Movimento Nacionalista Brasileiro (até 1964). Atualmente é membro titular do Diretório Nacional do PDT e membro titular do Conselho Político Estadual do PDT. O IHU On-Line entrevistou o professor Pádua pessoalmente, na sede do Diretório do Partido Democrático Trabalhista, em Porto Alegre.

IHU On-Line - Como a sua geração via Getúlio Vargas? Como foi conquistada pelo trabalhismo?

Antônio de Pádua- O Getúlio era ambivalente. Dava uma "torcida" para a esquerda e outra para direita. Havia um bonequinho, de criação popular, chamado "Getulinho", que não tinha pernas, ficava em cima de uma bolinha e sempre ficava de pé, podíamos empurrá-lo para um lado ou outro. Aquele bonequinho, que todo mundo tinha, espelhava bem o que era o Getúlio. Tinha uma visão muito clara da grandeza que ele queria para o Brasil. Foi chefe de uma revolução cujos postulados básicos eram os de industrializar o País. Defendia o capital e o trabalho. Defendia o "ter" e o ser. Nós tínhamos que ter, para atender bem o ser, mas não podíamos prejudicar o ser para ter o "ter". Nisso se funda o trabalhismo, até hoje. Predominância da pessoa, do trabalho. O capital merece atenção, porque sem ele não se pode trabalhar, mas o trabalho é o que também produz o capital, mas a pessoa não pode sujeitar-se ao capital. O capital é que deve estar sujeito às necessidades naturais e primárias da pessoa humana. Baseado nessa filosofia, foi que Getúlio orientou seus atos de governo, mesmo no Estado Novo, foi fiel a isso.

IHU On-Line - O movimento estudantil gaúcho sempre foi politizado. Mesmo assim, convivia com a ditadura?

Antônio de Pádua - Lutávamos pelo regime democrático. Mas, no mundo daquela época, nas principais nações, predominavam os regimes chamados de "fortes", autoritários. E os estudantes sabiam do atraso brasileiro, compreendiam a realidade nacional e aplaudiam os esforços de Getúlio em favor da educação. Foi ele quem criou o Ministério da Educação e Saúde. Entre os estudantes, existiam dois grandes grupos. Um, constituído pelos comunistas, um dos líderes era Antônio Pinheiro Machado, o Pinheirinho, recentemente falecido. O outro grupo, dos chamados democratas, estava sob a influência do Raul Pilla, que lecionava na Faculdade de Medicina. Ele chefiava o Partido Libertador, que era parlamentarista, e estava na ilegalidade desde 1937. Mas era um partido muito conservador. Sem partido, a política se fazia dentro dos Centros Acadêmicos. De 1937 a 1945, eles foram, na verdade, os partidos políticos. E havia pessoas como eu, que apoiava teses dos dois lados. Em 1945, aumenta a participação dos estudantes, surge o "queremismo", movimento que reivindicava mudanças democráticas mas queria a permanência de Getúlio. Os estudantes percebiam a importância da permanência dele. A saída de Getúlio estava sendo forçada pela União Democrática Nacional, a UDN, que surgiu influenciada pelos Estados Unidos. Os comunistas também passaram a pedir a saída de Getúlio. Surgiu uma grande divisão no movimento estudantil. Eu não pertencia a nenhum grupo, embora fosse presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia e consegui fazer a pacificação. Reorganizamos a União Estadual, da qual eu fui presidente. Ai, os partidos já estavam se consolidando, e cada grupo foi para seu partido.

IHU On-Line - Como foi o surgimento do PTB, visto aqui do Rio Grande do Sul?

Antônio de Pádua – Primeiramente, o Getúlio criou o Partido Social Democrático (PSD). Dentro dele tinha o Departamento Trabalhista, o PSD deveria apoiar a legislação trabalhista criada por Getúlio, a começar pelo salário mínimo. É bom lembrar que ele também criou o Ministério do Trabalho. E que, mesmo com o regime autoritário, foi só em 1944, com a justificativa do esforço de guerra que ele conseguiu publicar um decreto, implantando o salário mínimo. Tal era a objeção que havia entre os grupos dirigentes. Isso persiste até hoje, como se vê. Hoje, é mais barato pagar o salário mínimo do que manter um escravo, e ainda assim temos resistências. Por isso Getúlio resolveu criar o Partido Trabalhista. Foi aí que apareceu o Brizola (Leonel de Moura)⁴, já liderando a instalação da Ala Moça, da qual ele foi o primeiro presidente. Eu fui o segundo. Estou no PDT desde a sua fundação, nunca saí dele. Fui preso, cassado.

IHU On-Line - O senhor chegou a conviver com Vargas?

Antônio Pádua - Na verdade, estive com ele em duas ocasiões. No Palácio do Catete, quando ele recebeu a delegação de estudantes gaúchos que participava do Congresso da União Nacional dos Estudantes – UNE -, em 1945. A segunda vez foi em 1950, quando ele começou a sua campanha para a Presidência da República. O povo foi esperá-lo no aeroporto e empurrou o seu carro, um carro aberto, com o motor desligado, até a esquina da Caldas Júnior com a Rua da Praia, onde ficava o Grande Hotel. Eu estava acompanhando o Alberto Pasqualini. E o Getúlio me reconheceu, lembrou-se da minha passagem pelo Catete. Sua memória era espantosa! Mas a minha vivência foi com a obra do Getúlio. Ele foi o maior estadista que o Brasil já teve. Graças a ele é que obtivemos a indústria siderúrgica nacional, enfrentando o boicote dos Estados Unidos.

⁴ Sobre Leonel de Moura Brizola confira o **IHU On-Line** n.º 107, de 28 de junho de 2004, que pode ser consultado na página www.ihu.unisinos.br (Nota do **IHU On-Line**).

IHU On-Line - Para isso, ele também se aproximou dos alemães...

Antônio Pádua - Aí nós temos de novo a ambivalência do Getúlio, negociando inicialmente com os alemães e depois com os norte-americanos. Os alemães tinham muita influência. Eu estudei no Colégio Militar, e os professores faziam muita propaganda do exército alemão. E aqui no Brasil, tínhamos os integralistas, liderados pelo Plínio Salgado, cujo movimento foi abafado pelo Estado Novo. Se não, ele tinha implantado o nazismo. Nessa negociação com os alemães, que estava oferecendo uma siderúrgica para o Brasil, é que entra o episódio da Olga (Benário). Ela já fora condenada na Alemanha, que pediu a extradição. Estava em jogo Volta Redonda. Por isso ela foi extraditada. Não é verdade que Getúlio "mandou a Olga para o Hitler matar", como se diz por aí. Ele agiu dentro da lei, e além disso, na época não se tinha a dimensão do que era, de fato, o regime nazista. Tanto que tínhamos aqui o Partido Integralista. Muitos militares que deram o golpe em 1964 haviam sido integralistas. Depois, Getúlio acaba negociando com os norte-americanos a instalação da usina de Volta Redonda, em troca da entrada do Brasil na guerra, e da instalação de uma base militar deles no Nordeste. Em última análise, Volta Redonda e toda a base da indústria nacional custou o sangue da Olga e dos nossos pracinhas, para depois um Fernando Henrique Cardoso vender tudo por meia dúzia de cruzeiros. Aliás, ele entrou no governo anunciando que ia terminar com a Era Vargas.

IHU On-Line - E ela terminou?

Antônio Pádua - Ela persiste. O Getúlio foi o único que fez uma revolução no País, que, de fato, mudou as estruturas. O Brasil enfrenta dificuldades porque a Revolução de 1930 não se completou, é um edifício inacabado. Não temos mais a estrutura agrária de 1930, aqueles latifúndios, mas temos a concentração de riqueza, uma "latirriqueza". Na verdade, o golpe de 1964 foi para derrubar o PTB, a ameaça comunista foi usada como desculpa. Agora o Lula foi engolido por essa estrutura concentradora de riqueza. Usa o bonezinho do MST, mas terra ele não dá! Lula é filho do ABC paulista, da indústria internacionalizada. Basta lembrar que, em São Paulo, não há uma rua, alameda, avenida, nada com o nome de Vargas, na capital. O povo elegia sempre o Vargas, mas a camada dirigente era e é contra. O Lula tem essa mentalidade, basta ver quantos paulistas ele tem no governo! Nem o Getúlio colocou tanto gaúcho no governo como o Lula colocou paulistas! O Presidente aderiu a tudo o que criticava. Foi absorvido. Não tomou nenhuma medida radical como Getúlio tomou, ficou esperando para dar a "virada" e agora está prisioneiro.

[\(Voltar ao índice\)](#)

GETÚLIO, OS SINDICATOS E A GREVE DE 1953**Entrevista com José Alvaro Moisés**

A despeito dos apelos de Vargas no sentido de obter a cooperação dos trabalhadores para um projeto de reconstrução econômica, o movimento sindical começou a fazer reivindicações. Com o objetivo de atenuar os efeitos da crise, a classe operária começou a lutar pela obtenção de vantagens econômicas, já que o aumento salarial concedido pelo governo em dezembro de 1951 e estimado em 14% sobre o salário mínimo, estabelecido em 1943 foi considerado irrisório pelos trabalhadores, uma vez que o custo de vida entre 1943 e 1951 tinha subido 100%. Nesse quadro, eclodiu em São Paulo em março de 1953 a chamada Greve dos 300 mil, que reuniu diversas categorias de trabalhadores, visando à obtenção de melhorias salariais e culminou com a criação de um órgão de comando intersindical que originaria mais tarde o Pacto de Unidade Intersindical (PUI). Com a deflagração desse movimento, ficou evidenciado o descontentamento da classe

trabalhadora com a política salarial de Vargas e sua possibilidade de escapar ao controle da estrutura sindical oficial. Pressionado por todos os lados, Vargas procurava transformar as relações difusas que mantinha com a massa operária em relações mais organizadas e estáveis, tarefa para a qual se achava despreparado, já que mantinha sobre o assunto sérias divergências com seu ministro do Trabalho, José Segadas Viana. Com isso, o prestígio político do presidente no meio sindical deteriorava-se rapidamente. Essa situação atingiu seu ponto máximo com a deflagração da greve dos marítimos no Rio de Janeiro, Santos e Belém, em junho de 1953, quando novamente eclodiram as divergências de Vargas com seu ministro. Diante dessa situação, João Goulart, presidente do PTB e detentor de alguma influência nos meios sindicais, entrou em polêmica aberta com o ministro do Trabalho, discordando de sua orientação e procurando criar canais para uma aproximação maior de Vargas com a classe operária. Realizou assim sua primeira intervenção nas relações entre o governo e o movimento operário, num momento em que ficava clara a necessidade de uma reformulação na orientação política oficial em relação às classes trabalhadoras. Neste contexto, ocorreu a reforma ministerial de junho de 1953 e a indicação do nome de João Goulart para ocupar a pasta do Trabalho. Sobre essa importante greve **IHU On-Line** conversou com José Álvaro Moisés, que é professor do departamento de Ciência Política da USP. Sociólogo e mestre em Política e Governo pela University of Essex, U.E., Colchester, Inglaterra, e doutor em Ciência Política pela USP, com tese intitulada **Classes populares e protesto urbano**. Moisés é também pós-doutor pela University of Oxford, UO, Oxford, Inglaterra e pela USP. Autor de diversos livros, entre eles, **Greve de Massa e Crise Política Estudo da Greve dos 300 Mil em São Paulo - 1953-54**. São Paulo: Polis, 1978; **Lições de Liberdade e de Opressão - Os trabalhadores e a luta pela democracia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 e **Os brasileiros e a democracia - bases sócio-políticas da legitimidade democrática**. São Paulo: Ática, 1995.

IHU On-Line- Qual foi a contribuição de Vargas para o movimento dos trabalhadores?

José Álvaro Moisés- Vargas foi o grande estadista brasileiro do século XX. Sem que isso signifique um julgamento de valor positivo sobre a obra de Vargas, é incontestável que ele foi do ângulo da construção do Estado brasileiro, um dos seus principais artífices, para o bem e para o mal. E isso teve repercussões também na área sindical porque a herança deixada e proposta pelo Governo Vargas é até hoje o de uma estrutura corporativista, unicista, de sindicato único na base de cada categoria.

IHU On-Line- Qual foi a dimensão da grande greve de 1953-1954?

José Álvaro Moisés- Foi uma grande greve de massa que, naquela época, não era um evento comum no Brasil. Ela teve repercussões, não apenas do ponto de vista sindical, mas também político, porque, em certo sentido, ela colocou em questão o Governo de Getúlio cujo suicídio lembramos 50 anos depois. Ela teve uma interferência muito forte no cenário social e no cenário político. Do ponto de vista social, ela abriu uma mudança à estrutura sindical. A greve foi uma manifestação, em grande parte, organizada pelo Partido Comunista, pelas suas lideranças sindicais comunistas e, do ponto de vista político, a greve colocou em questão um equilíbrio de forças que apoiavam o governo Vargas, no qual o pólo sindical tinha um papel importante. Com uma greve contestatória e que levantou dúvidas na forma em que o governo conduzia o processo, parte dessa aliança se desmoronou.

IHU On-Line- Essa greve marca uma nova etapa no mundo dos trabalhadores da época?

José Álvaro Moisés- O que ela marca é as limitações da estrutura corporativista, estritamente herdadas do Estado Novo. Para que funcionasse a estrutura corporativa, o sindicato tem que criar uma espécie de estrutura paralela que são as estruturas dos organismos paralelos que nascem com a greve de 1953 e depois vão dar origem ao Pacto de Unidade e Ação (PUA) que foi tão importante para os últimos meses antes do golpe de 1954. Nesse sentido, a greve é um

evento social que coloca em questão nos termos de participação dos trabalhadores, uma estrutura herdada do período autoritário do Estado Novo que já não funcionava mais. Ela demanda, ela pede a entrada de uma estrutura nova, paralela e que vai continuar tendo a influência do populismo, mas uma mescla do populismo com as orientações de esquerda que estavam presentes no movimento como é o caso do Partido Comunista.

IHU On-Line- Qual foi a diferença entre o sindicato pré-greve e depois de 1953?

José Álvaro Moisés- A greve de 1953 se organizou na base de comissões de empresa, organismos de base, que, em um certo sentido, era uma contestação do sindicalismo corporativista oficial, ela agregou a estrutura previamente existente, uma estrutura mais flexível, menos rígida, e que tinha maior capacidade de mobilização da base dos trabalhadores na área metalúrgica, na área têxtil que eram os setores de liderança na época. Significou agregar à estrutura corporativa uma dimensão de mobilização social que não existia, porque os sindicatos oficiais não conseguiam mobilizar. Acho que o interessante dessa situação é que nem uma coisa nem a outra sozinha conseguia dar conta do problema da mobilização. Foi necessário articular uma estrutura corporativa e uma estrutura com maior liberdade. Por isso que eu falo de uma estrutura paralela. A estrutura do sindicalismo populista, que vai perdurar até o golpe de 1964 se apoia sobre essa estrutura paralela que nasceu com a greve de 1953.

IHU On-Line- Hoje o senhor vê o sindicalismo atual com a independência que ele buscava na época?

José Álvaro Moisés- Acho que os sindicatos de fato se autonomizaram. Uma das grandes conquistas do período da democratização foi uma maior autonomia sindical e um movimento sindical mais independente do Estado. Mas, há alguns problemas que permanecem. Acho que a estrutura unicista, de sindicato único, não é o melhor caminho. Pessoalmente defendo a pluralidade sindical. Acho que representa melhor os interesses dos trabalhadores. Deste ponto de vista, talvez seja uma reforma que está faltando fazer para que a independência e a autonomia que foi conquistada nos anos 1970-1980 seja levada até o fim.

[\(Voltar ao índice\)](#)

GETÚLIO E A REVOLUÇÃO BRASILEIRA

Entrevista com Gilberto Vasconcellos

*“A esquerda que combateu Getúlio é uma esquerda abstrata que, como diria Darcy Ribeiro, tinha uma revoluçãozinha na cabeça, haurida ou não nos textos marxistas. Aliás, o marxismo entre nós, não está imune a uma abordagem colonizada, embora a teoria da colonização tenha aparecido pela primeira vez na obra **O Capital**, de Karl Marx”. Essa é a opinião de Gilberto Vasconcellos, que defende a idéia de que Karl Max seria getulista se tivesse nascido no Brasil. Gilberto Vasconcellos é professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Sociólogo pela USP, ele é doutor em Sociologia pela mesma universidade com tese intitulada **Ideologia Curupira** e pós-doutor pela École Pratique Des Hautes Etudes, EPHE, França. É autor de diversos livros, entre eles: **Collor e a Cocaína dos Pobres**. São Paulo: Icone, 1989; **O Príncipe da Moeda**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1997; **O Poder dos Trópicos**. São Paulo: Casa Amarela, 1999; **Petrobrás - Um Clarão na História**. Brasília: Instituto do Sol, 2001 e **A salvação da lavoura: receita da fartura para o povo brasileiro**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.*

IHU On-Line- Historicamente, de maneira geral, a esquerda brasileira responsabiliza Getúlio Vargas pelo aborto da revolução brasileira. À luz dos fatos políticos da última década, especialmente, o senhor considera que tal premissa mantém sua validade?

Gilberto Vasconcellos - Isso é mais uma diatribe dos historiadores levianos e superficiais que dizem que as Leis Trabalhistas tiraram o proletariado brasileiro do caminho revolucionário, como se não tivesse aparecido Getúlio Vargas, e o marxismo, aliás tênue, da década de 1930, e conduzido a classe trabalhadora ao poder. Isso não faz o menor sentido, diria até que quem professa estas idéias é nostálgico da República Velha ou quiçá saudoso da escravidão. O pior de tudo é que essa estupidez aparece em livros didáticos que fizeram a cabeça da juventude pró-PT e antivargo-jango-brizolista.

IHU On-Line Quais as principais concepções e análises da esquerda que, basicamente, a orientaram no combate ao getulismo? Como elas se articulavam com a idéia de uma revolução brasileira?

Gilberto Vasconcellos - A esquerda que combateu Getúlio é uma esquerda abstrata que, como diria Darcy Ribeiro, tinha uma revoluçãozinha na cabeça, seja ou não haurida nos textos marxistas. Aliás, o marxismo entre nós, não está imune a uma abordagem colonizada, embora a teoria da colonização tenha aparecido pela primeira vez na obra *O Capital*, de Karl Marx. Se tivesse dado a cara por estas bandas, Karl Marx seria getulista. De resto, o marxista Glauber Rocha dizia que o câncer da política brasileira foi o racha entre os comunistas e os nacionalistas antiimperialistas. Em 1954, Getúlio ficou sozinho, ainda que tivesse numa batalha barra pesada a favor da Petrobrás e contra o imperialismo norte-americano. Poucos marxistas na época entenderam a política antiimperialista de Vargas. Trata-se de um paradoxo: o maior líder burguês da história do Brasil ser um adversário do imperialismo norte-americano. Destarte, o conceito de revolução brasileira somente começou a circular depois da Carta Testamento de Vargas, na acepção de um país com autonomia, soberania e emancipação popular. A Carta Testamento é um documento trágico em um país sem tragédia. Ninguém foi capaz de escrever outro documento mais contundente do ponto de vista político.

IHU On-Line - Enfocando a questão por outro ângulo: o legado da Era Vargas poderia ter contribuído à revolução brasileira? Ou, se descartada essa hipótese, ao aperfeiçoamento da democracia e das instituições nacionais? Como?

Gilberto Vasconcellos - A era Vargas poderia ter realizado a revolução brasileira se não tivesse sido interrompida em 1945 pelo golpe imperialista, em 1954 pela conspiração da UDN pró-americana, depois por Dutra, boneco de eletrodoméstico, por JK "frixopi", por Jânio entreguista, pela deposição do nacionalista João Goulart, pela truculência do golpe de 1964, seguido da comédia de direita de Sarney, Collor, FHC e Lula.

IHU On-Line -Fernando Henrique Cardoso, quando Presidente da República, manifestou, por diversas vezes, seu desejo de por um fim definitivo à Era Vargas. Nesse aspecto, seus propósitos identificavam-se aos da esquerda, já reunida no PT, especialmente. Como se explica essa contradição?

Gilberto Vasconcellos- FHC não foi o primeiro a se vangloriar de ser o "coveiro" da Era Vargas. E não será o último. Vide o exemplo de Lula que ainda não foi bater a cabeça no túmulo de Getúlio Vargas em São Borja, onde estão enterrados João Goulart, Leonel Brizola e Dona Neuza. O PT e o PSDB são xifópagos, como Cosme e Damião. Essa simbiose já ganhou o batismo de "petucanismo", ou seja, "petistas e tucanos, uni-vos!"

IHU On-Line - O senhor acredita que a esquerda brasileira representada pelo PT será capaz de responder à questão nacional? De transitar, de maneira conseqüente, entre os ideais históricos e contraditórios de ruptura institucional e de mudanças, por assim dizer passivas, apoiadas no aperfeiçoamento e consolidação das instituições republicanas?

Gilberto Vasconcellos- O PT está desconectado da questão nacional e da questão cultural brasileira, tanto é que a sua palavra de ordem concentra-se na cidadania, separada da soberania nacional, como se fosse possível existir uma sem a outra. O PT opera com a tesoura epistemológica na história do Brasil: tudo começou nas greves do ABC paulista, em 1979. Tudo que vem antes deve ser apagado: Vargas, Jango, Darcy Ribeiro, Leonel Brizola.

IHU On-Line - O senhor gostaria de acrescentar outros comentários ao tema em debate?

Gilberto Vasconcellos- Gostaria de acrescentar que não consigo entender o Rio Grande do Sul, uma região libertária do Brasil, ter colocado no ostracismo a tradição castilhistas de Getúlio Vargas. Acredito que um dia Getúlio Vargas, que não está nem no céu nem no inferno, possa baixar de novo nos pagos gaúchos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

UM ROMANCE HISTORIOGRÁFICO SOBRE A VIDA DE GETÚLIO

Entrevista com Juremir Machado da Silva

“O Getúlio me pareceu personagem antes de qualquer coisa. Chamamos em teoria literária de “personagem redondo”, personagem com profundidade, contraditório, paradoxal. Ele foi tudo: oligarca, revolucionário, ditador, eleito pelo povo, corajoso, suicida, calculista, maquiavélico, implacável, capaz de afastar seus amigos, de prendê-los, de mandá-los para o exílio, de chamá-los de volta, de perdoá-los, de se aliar com eles, então ele era um personagem antes de qualquer coisa”, essa é uma das razões pela qual Juremir Machado da Silva resolveu escrever o romance historiográfico **Getúlio**, que será lançado no próximo 24 de agosto, aos 50 anos da morte do ex-presidente. O escritor conversou por telefone com **IHU On-Line**, explicando a longa pesquisa que resultou no livro. Juremir Machado da Silva é jornalista, historiador formado pela PUCRS, e doutor em Sociologia pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, França. Leciona nos cursos de graduação e de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisador do CNPq, fez pós-doutorado em Sociologia da Cultura, na Sorbonne, orientado por Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin. Publicou onze livros, entre eles: **Anjos da perdição - futuro e presente na cultura brasileira** (tese de doutorado, Porto Alegre: Sulina, 1996) e **A Miséria do jornalismo brasileiro** (Rio de Janeiro: Vozes, 2000). Na França, publicou **Le Brésil, pays du présent** (Paris: Desclée de Brouwer, 1999). Atualmente, edita a **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, é correspondente das revistas francesas **Sociétés** e **Cultures en Mouvement**, membro do Conselho Editorial do site **Trópico**, pertencente à **Folha de S. Paulo**, e coordenador da coleção “Comunicação” da EDIPUCRS. Sua mais recente obra, **Getúlio**, foi publicada pela editora Record. O professor apresentou o **IHU Idéias** do dia 11 de setembro de 2003, que teve como tema “11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard”. Sobre esse tema, concedeu uma entrevista na 74ª edição do **IHU On-Line**, de 8 de setembro de 2003, sob o título “11 de setembro segundo Jean Baudrillard”. Ele também foi responsável pelo Seminário sobre **O Método II: A Vida da vida**, durante o evento **Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin**, no dia 3 de junho de 2004. Sobre essa atividade, Juremir concedeu uma entrevista na 103ª edição do **IHU On-Line**, de 31 de maio de 2004. Na próxima quinta-feira, o professor apresentará o evento **IHU Idéias** com o título: **Getúlio, 50 anos depois** (confira a editoria Eventos IHU).

IHU On-Line - Porque a escolha de construir uma biografia de Getúlio Vargas no gênero romanesco?

Juremir Machado – Primeiro, porque eu me considero escritor antes de tudo. Tenho múltiplas atividades, todas elas por paixão, mas também como forma de ganhar a vida. E aquela que elejo como minha atividade predileta é ser escritor. A ficção é uma forma superior de decifrar a complexidade da vida. Ela é mais capaz de decifrar as coisas, às vezes, do que as próprias ciências humanas. Getúlio me pareceu personagem antes de qualquer coisa. Chamamos em teoria literária de "personagem redondo", personagem com profundidade, contraditório, paradoxal. Ele foi tudo: oligarca, revolucionário, ditador, eleito pelo povo, corajoso, suicida, calculista, maquiavélico, implacável, capaz de afastar seus amigos, de prendê-los, de mandá-los para o exílio, de chamá-los de volta, de perdoá-los, de se aliar com eles, então ele era um personagem antes de qualquer coisa. Além disso, um romance tem um tipo de discurso que atrai mais as pessoas, que traz mais as pessoas para essa interlocução. Eu queria isso, falar de Getúlio como quem fala em uma mesa de bar, ou em uma conversa de amigos, de maneira que se pudesse provocar o interesse de todos pelo homem, pelo personagem, e não só por uma rigorosa revisão histórica. Foi uma associação das minhas múltiplas possibilidades profissionais em prol de alguma coisa que pudesse tentar dar conta de um personagem fabuloso, que, além de tudo, diz muito para mim do ponto de vista afetivo, porque sou da fronteira oeste, porque meu avô se chamava Getúlio e se suicidou como Getúlio. Na minha família, tinha muitos getulistas. Tudo isso me atraiu para fazer o romance. Além de tudo, meu amigo Décio Freitas⁵ me estimulou, sempre quis que eu fizesse uma biografia do Getúlio. Eu achei o romance mais prazeroso do que a biografia e menos provocador de ilusão. As biografias normalmente têm muita ficção. Eu prefiro assumir algo como ficção ainda que eu tenha feito uma longa pesquisa histórica de documentos, de fontes primárias, de leituras dos jornais da época, mas também de revisão de toda a bibliografia possível. É uma mescla de reportagens e investigação histórica, transformada em romance.

IHU On-Line - Quais o senhor assinalaria como as entrevistas mais marcantes feitas para o livro?

Juremir Machado – Primeiro, Guilherme Arinos, que é o pai desse Gustavo Franco que foi presidente do Banco Central. Esse Guilherme Arinos foi, durante 12 anos, uma espécie de secretário pessoal do Getúlio. Não um secretário de fato, funcionalmente, administrativamente, mas uma espécie de secretário oficioso, e que conheceu profundamente Getúlio. É um senhor que está com 89 anos. Acompanhou Getúlio até no exílio em São Borja, em Itaqui. Ele conheceu muito bem o ex-presidente e me contou a vida de Getúlio de um ângulo mais do homem e menos do político. Também foram muito marcantes as entrevistas que fiz com Alcino João do Nascimento, o pistoleiro contratado para atirar no Lacerda e que provocou o atentado na rua Tonelero, cuja consequência foi o suicídio de Getúlio. Eu fui com ele, que tem 82 anos, e passou mais de 20 na cadeia, até a rua Tonelero para fazer uma reconstituição do crime. Isso foi muito marcante. Aquele homem se reencontrando 50 anos depois com o local de um crime que mudou a vida dele, e que tinha sua versão, as suas informações, a sua maneira de ver, as suas explicações. Depois uma outra entrevista muito marcante para mim foi com Ingeborg ten Haeff, uma alemã com quem Lutero Vargas, filho de Getúlio, foi casado, e que mais tarde foi expulsa do Brasil. Ela vive em Nova Iorque, é uma artista plástica bastante conhecida. Eu fui

⁵ Sobre Décio Freitas, conferir o boletim *IHU On-Line* n.º 92, de 15 de março de 2004, os depoimentos de Gunter Axt e leda Gutfriend.

investigar o motivo da sua expulsão, se era verdade, como se diz em alguns livros, que ela havia sido descoberta como espiã alemã, passando informações do governo Vargas para o nazismo, porque o casamento dela com o Lutero havia acabado subitamente. Eles tinham uma filha, que ela não pôde ver durante muitos anos. Eu entrevistei essa filha também, em São Francisco de Assis, no início da pesquisa, para saber o que tinha acontecido com a família dela, com a mãe dela. Essa senhora morreu no ano passado. Outras pessoas foram os ajudantes de ordens do Getúlio que ainda estão vivos, da época do suicídio, a filha do Carlos Lacerda, o filho do Major Rubem Vaz, que morreu no atentado da rua Tonelero, etc. As últimas mulheres do famoso Ivo Vargas, irmão de Getúlio um boêmio. A neta do Getúlio, Edith, que me pareceu muito interessante. Ela me contou da família, que é a parte menos visível dos Vargas. A Celina Vargas é muito mais visível. A Edith, que é filha da Jandira, a filha mais velha de Getúlio, era outro ramo menos visível. Então fui falando com todas essas pessoas para reconstituir como era a vida da família Vargas.

IHU On-Line – Como foi a experiência em relação às outras pesquisas, de jornais e de documentos?

Juremir Machado - Fui fazer a leitura dos jornais da época, na Biblioteca Nacional do Rio, ao longo de 1954, por exemplo, a *Tribuna da Imprensa*, *A Última Hora*, *O Globo*. E é sempre muito interessante, porque a gente descobre um outro jornalismo, com uma outra linguagem, violenta, agressiva, sensacionalista, mas também serve para relativizar um pouco nossos conceitos de hoje. Nós achamos o nosso jornalismo, às vezes, muito ruim, tendemos a idealizar o jornalismo do passado. O jornalismo do passado, dessa época pelo menos, era um jornalismo talvez com muito mais defeitos do que o de hoje, um jornalismo muito menos comprometido com a demonstração do que dizia, um jornalismo quase assustador em que se podia usar quase todo o tipo de palavra, de insulto, de acusação e de calúnia, de maneira que ler esses jornais me revelou o quanto os costumes, os valores, a forma de fazer política, na época, era diferente, muito mais violenta, mais frontal, mais implacável. Essas leituras de jornais foram importantes para reconstituir esse pano de fundo cultural da época.

IHU On-Line - O livro chega a desvendar novos dados sobre o crime na rua Tonelero?

Juremir Machado - O meu livro, como um romance, tem personagens que encarnam as múltiplas possibilidades. Se existem cinco ou seis hipóteses sobre o que aconteceu na rua Tonelero, cada um dos meus personagens encarna uma dessas possibilidades. Eu levo, com esses personagens, ao extremo, o desvendamento disso, até onde dá para chegar. Como é um romance, não é feita uma escolha do tipo "essa é a verdade". É a verdade encarnada por cada personagem, segundo o máximo de informações que foi possível obter. Por exemplo, o personagem que vai encarnar a tese de que houve um mandante acima do Gregório, que isso não foi decidido no andar de baixo, mas no andar de cima, embora o Getúlio não soubesse, vai mostrar com indícios, elementos de informação coletados por entrevista ou documentos, no sentido de demonstrar que a sua hipótese é melhor. Mas fica no fundo, para o leitor tirar a conclusão entre todas as possibilidades.

IHU On-Line - Que fatos o senhor acha que merecem ainda muita pesquisa?

Juremir Machado - Existem coisas que nunca vão ser totalmente reveladas, mas que ainda exigem mais reflexão. Uma delas é a hipótese, um tanto estranha, em princípio, de que o Getúlio teria sido assassinado e não se matado. É uma hipótese que vai, volta, tem quem a defenda. Ela nunca foi suficientemente investigada, porque envolveria militares graduados da época. Se existe documentação, ela não é acessível aos pesquisadores. É uma hipótese que

fica; saber o que realmente há de verdade, pode ser uma hipótese simplesmente sensacionalista ou uma racionalização de algumas pessoas, mas não existe como tal. Ela aparece nos discursos e em jornais, mas não tem como investigar hoje para saber se ela tem um fundo de verdade ou não. É possível que, no futuro, se possa trabalhar melhor isso com o surgimento de novos documentos. Tem coisas que ficam vagas. Por exemplo, será que Lacerda foi ferido realmente no pé? Francamente é impossível de demonstrar. Há testemunhas que dizem que o viram caminhando meia hora depois sem nenhum ferimento no pé. Os laudos periciais existentes não falam de nenhuma mancha de sangue entre o local do crime e o apartamento dele, para onde ele subiu depois do atentado. O prontuário do Lacerda no hospital, onde ele foi atendido e onde ele teve o pé engessado, sumiu ainda na década de 1950, então nunca foi possível saber realmente. Esse é um item ainda a ser pesquisado. É muito polêmico, porque o Lacerda teria sido ferido no pé, claro, com um tiro de 45, com uma bala potente. No mínimo, o que se imaginaria era o Lacerda alguns dias hospitalizado, de cama, sofrendo um pouco. E isso não aparece. O Lacerda engessou o pé e seguiu em atividades como se nada tivesse acontecido, o que alimenta as suspeitas de uma invenção, de uma fraude. Mas também não há hoje como demonstrar que foi uma fraude, porque o próprio médico que atendeu o Lacerda na época, apesar do sumiço do prontuário, sempre jurou de pés juntos e sempre considerou uma calúnia que dissessem que não havia ferimento. É um ponto que ficou nebuloso. A família do Lacerda e a família do Major Vaz acham que sim, que houve isso e que dizer o contrário é falsificar a história. Mas a prova cabal não existe. Muita gente acha que o processo deveria ter sido reaberto, porque é truncado. É esse tipo de coisa que nunca ficou bem esclarecida. O Gregório Fortunato foi assassinado na cadeia. Nunca ninguém soube exatamente por quê. Um episódio banal dentro de um presídio, uma briga com outro prisioneiro, por uma pendenga qualquer, uns dizem que por homossexualismo, outros dizem que por queima de arquivo. Esses pontos assim são nebulosos mesmo. Claro que dá para seguir alguns indícios e tirar algumas conclusões, mas dizer categoricamente nesses casos, "foi isto ou aquilo", não dá.

IHU On-Line - Atualmente, 50 anos depois da morte de Getúlio, onde o senhor vê que ele está mais presente, em nosso País?

Juremir Machado - Ele está antes de tudo presente naquilo que é mais importante para nós no dia-a-dia e que é mais combatido pelos conservadores e empresários gerais, que é a legislação trabalhista. O Elio Gaspari sempre faz essa brincadeira, quando tira férias. Ele escreve no jornal "graças à legislação varguista, ainda não derrubada pelo governo FHC ou pelo governo Lula, vou gozar as minhas merecidas férias". A legislação trabalhista que nós temos, tudo o que nós temos de garantias trabalhistas e de que usufruímos e que os governos volta e meia querem nos tirar, é Getúlio. Nós não podemos esquecer de Getúlio, porque o salário mínimo é Getúlio, as férias pagas é Getúlio, a nossa legislação trabalhista essencial é do período Vargas. Claro que ele também está muito no imaginário popular. Ele está muito também no imaginário das oposições. Quando vemos um filme como "Olga", ele é um requisitório contra a Era Vargas. Às vezes, boa parte com razão e, em alguns aspectos, um tanto alterado com relação a alguns detalhes históricos. Todo o mundo imagina que a Olga foi expulsa do Brasil, extraditada, deportada, durante o Estado Novo. E não é verdade. Ela foi deportada em 1936, quando o Estado Novo ainda não tinha começado. Em 1936, não era muito melhor que o Estado Novo, mas ainda não era o Estado Novo. Getúlio está por toda a parte, do mal e do bem, na idéia de um estado autoritário, mas também no que temos de mais progressista em termos de legislação trabalhista.

IHU On-Line – O senhor disse "que as melhores iniciativas políticas até hoje no Brasil partiram dele"; está se referindo a essas questões trabalhistas?

Juremir Machado - É só pensar, por exemplo, que o voto feminino no Brasil veio na Era Vargas. Antes do voto feminino na França. É uma coisa importante. Quando pensamos na concepção de uma identidade nacional, com a defesa do petróleo, a Petrobrás, é Getúlio Vargas. Posso estar errado, mas, que eu saiba, o único presidente a ter dado um aumento de salário mínimo de 100% foi Getúlio, em 1954. Já imaginou hoje Lula chegar e dizer assim "100% de aumento!". Para bem e para mal, Getúlio era um político fenomenal. Ele teve as contradições da época e operou dentro delas. Quando perguntavam para ele se não podia ter feito isso tudo numa democracia, ele respondia com um sorriso: "O senhor acha?". Na época, todo o mundo era golpista, todos. Todo o mundo pensava assim: "Não gostei desse governo; vamos derrubá-lo". Lacerda era um grande golpista, queria que os seus assumissem o poder. Era uma política feita numa outra época, com outras noções.

IHU On-Line – O que Getúlio Vargas pensou nos cinco minutos antes do suicídio, segundo o romance?

Juremir Machado - Claro, estamos no reino da ficção, não tem como saber o que ele realmente pensou antes do suicídio, mas conforme o tipo de comportamento que ele tinha, acho que ele se reportou ao começo de tudo, ao dia 3 de outubro de 1930, dia em que ele começou a escrever o seu diário, no momento em que a revolução vai implodir, e ele anota lá: "Talvez só o sacrifício da minha própria vida possa vir a resgatar um eventual fracasso". Quer dizer, 24 anos antes, quando tudo começou, ele já pensava que, em caso de fracasso, ele teria de se suicidar. Penso que nos últimos 5 minutos, ele fez o famoso *flash back* da sua existência. Pensou em São Borja, na infância, no começo de tudo, no dia 3 de outubro, na reconstituição da sua longa trajetória e nesse compromisso que ele tinha com ele mesmo de se suicidar em caso de fracasso.

[\(Voltar ao índice\)](#)

SAMBA E IDENTIDADE NACIONAL NA ERA VARGAS

Entrevista com Magno Bissoli

O músico e historiador Magno Bissoli, autor da tese de doutorado em História Caixa Preta: samba e identidade nacional na Era Vargas. Impacto do samba na formação da identidade na sociedade industrial: 1916-1945, apresentada no último dia 25 de maio, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, ao IHU On-Line. Magno Bissoli tem, desde 1974, desenvolvido suas atividades na área da música tanto no palco como fora dele. No palco, trabalha como músico, compositor, arranjador e band leader e fora dele é educador e produtor. Em sua carreira, trabalhou simultaneamente com a música erudita, com jazz, MPB e world music, apresentando desde concertos solo a performances com orquestra sinfônica. Viveu na Dinamarca do início de 1981 ao final de 1983, onde se apresentou com os mais renomados músicos daquela região e, desde então, tem dividido suas atividades entre os dois países. Dentre suas atividades atuais, é percussionista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo, participa de grupos de câmara nas áreas da música erudita, popular e jazz, e desenvolve trabalho pedagógico para o ensino de crianças.

IHU On-Line - Qual era o conceito de identidade brasileira que se foi formando na Era Vargas? Como ele usou as diversas expressões culturais para traçar um imaginário brasileiro?

Magno Bissoli- O conceito de identidade brasileira só pode ser compreendido à luz da perspectiva ideológica, de um mito criado da necessidade de se atingir objetivos específicos, impostos pelos interesses do grupo ou camada social dominante. No caso em questão, o governo Vargas, instalado com a chamada Revolução de 1930, inseria-se em contexto de circunstâncias sociopolíticas favoráveis. Valeu-se das condições objetivas da conjuntura internacional e logo da guerra mundial, com a emergência e o fortalecimento de estados nacionais e regimes autoritários. Na esfera econômica, a idéia de nacionalização tomou vulto desde 1930. Expressou liderança de grupos da pequena burguesia, com correntes oligarco-governistas. Sua ação não apresentou o sentido radical defendido então pelo movimento operário. Naquele momento, nacionalismo significaria restrição à iniciativa estrangeira, tanto política como econômica. Entretanto, o projeto nacional varguista contava com ideólogos que, com habilidoso projeto político-ideológico, conseguiu convencer a opinião pública a uma “nova ordem”, centrada no fortalecimento do Estado. Projeto de controle e manipulação da população, buscando a integração nacional, com metas que visavam a estabelecer o consenso dos agentes sociais e do povo. A cultura, entendida como foco de educação cívica, foi organizada politicamente, com propósitos de “elevação do nível da cultura brasileira” e de fundamentar “a grandeza da Nação”, com base no valor intelectual do indivíduo e na “educação profissional apurada”. No entanto, não havia uma tolerância plural neste projeto. Talvez se possa interpretar o conceito de identidade nacional de Vargas por suas palavras em entrevista publicada em 1938, as quais indicavam ser necessário formar nas crianças e adolescentes, “a mentalidade capaz de levar o País aos seus destinos, mas conservando os traços fundamentais da nossa fisionomia histórica, com o espírito tradicional da nacionalidade”. Invertia-se, assim, uma “fisionomia histórica”. Quanto ao uso das expressões culturais, o varguismo utilizou-se de um poderoso aparato para controlá-las, como para o controle da informação, cultuando a propaganda patriótica. Cinema, teatro, música, ficaram subordinados ao poder público, que os moldava, legitimando o projeto de cultura nacional autoritária. Em discurso de 25 de junho de 1934, Vargas descrevia o cinema como elemento de influência direta sobre o raciocínio e a imaginação, divulgando o conhecimento sem a erudição dos livros. Pretendia ele aproximar os núcleos humanos, como o norte e nordeste aos centros urbanos, onde “se elabora o nosso progresso”. Como um livro de imagens, as populações aprenderiam a amar o Brasil, nesta versão urbana, industrializante e varguista. Outro aspecto importante foi a Rádio Nacional, estatizada, que possibilitou criar uma orquestra brasileira, contando com cavaquinho, violão e instrumentos de percussão tocados por sambistas negros, dando aos arranjos a ginga brasileira e a idéia de integração do negro. Este, como força de trabalho, seria fundamental para o projeto da construção nacional. Tem-se assim o êxito do varguismo, ao criar uma “identidade brasileira” que sobreviveu, desde muitas que seriam antes possíveis.

IHU On-Line- Por que o samba estava proibido antes de 1930?

Magno Bissoli- Porque era uma manifestação de negros, ex-escravos, considerada desclassificante e perturbadora da ordem pública estabelecida. Assim como também o foram a capoeira e demais manifestações religiosas e atividades típicas das culturas negras no Brasil. Após 1930, sua recuperação se ajusta a um novo cenário em criação. Em minha tese, trabalho com o conceito de profanização da cultura negra pelo colonizador, que detinha apenas uma visão parcial daquele universo cultural. Este é um ponto fundamental para se compreender a cultura negra no Brasil, mas tratá-lo exige maior espaço do que o que se tem aqui.

IHU On-Line- Quais as transformações pelas quais foi passando para chegar a ser uma espécie de consenso nacional, inclusive uma das marcas do Brasil no exterior? Em que sentido o samba foi percebido como um potencial para uma "nova ordem", centrada no fortalecimento do Estado?

Magno Bissoli- O samba conquistou o Brasil e o mundo. Ainda hoje é o centro do grande espetáculo do carnaval. Talvez até por sua simplicidade formal, ao surgir no ambiente urbano como resultado de diferentes musicalidades, o samba possibilitou, primeiro ao setor de trabalhadores urbanos e depois ao conjunto da população da cidade, uma forma de expressão coletiva para a qual podiam convergir as diferentes expressões corporais, musicais e lúdicas. Ele efetiva portanto, como elemento de encontro das massas trabalhadoras, o encontro de diferentes experiências musicais no ambiente do "terreiro", da "gafieira", das "festas", sendo gradualmente assimilado pelos meios de radiodifusão e pelo mercado fonográfico. Isso porque a expressão negra no samba pode tornar públicos sentimentos de seu aparente ser privado, coisa que, à partida, não poderia ser tolerada que um branco o fizesse. Defini em minha tese, os conceitos de samba perene e samba derivado. Neste, a autofagia e renascimento do samba implica sua crescente estilização. Abstraído de sua temática inicial, o samba poderia então avançar como forma musical de todos, eminentemente urbana e capaz, portanto, de expressar uma identidade nacional, contraposta a outras metropolitanas. Este processo de reconhecimento acabou por incorporar um novo samba, com novos autores, novo ideário e novas representações sociais, posteriormente trabalhadas e moldadas em "mass media". Dentre os derivados, tem-se o "samba de branco". O samba, para poder ser aceito como símbolo da música popular nacional, teve que se embranquecer. Este processo foi gradual a partir dos anos 1920, culminando com a "Aquarela do Brasil" de Ary Barroso em 1938. Este embranquecimento significou que cantores brancos gravaram sambas de autores negros, comprando, às vezes, a parceria, e também que compositores brancos passaram a compor naquele estilo. Portanto, as transformações não foram apenas na forma, mas na apropriação da cultura do negro pelo *status quo*. Ao mesmo tempo, o samba negro das comunidades que, com ele se identificavam, serviu de elemento de cooptação espiritual daquela massa trabalhadora para o projeto de integração nacional do Estado. O samba, saindo do seu ambiente para ganhar as ruas, criou vida própria no comércio musical da cidade. De fato, uma variante da industrialização que gira volumoso capital em suas diferentes esferas de atuação, como direitos autorais, produção de discos, partituras, instrumentos, o rádio entre outras. Isso e o seu poder de penetração e movimentação no povo, possibilitou que se criasse em seu redor a aura da nacionalidade, espelhada pela cidade e refletida em todo o País pelo rádio e pelo disco, que eram, então, as principais mídias de comunicação de massa, e em parte, também pelo cinema. Em um contexto onde condições objetivas e reais da vida material e a correlação entre as forças das classes às quais pertenciam os compositores negros (pobres) e os compradores do samba (burguesia), determinaram que, embora houvesse sido o agente da mudança histórica, ao negro fosse subtraída a grandeza do seu papel, para ser dada a outrem. A tradição de um samba nacional é, portanto, criada, como as "tradições inventadas", descritas por Eric Hobsbawm e Terence Ranger⁶.

⁶ Eric Hobsbawm e Terence Ranger (org.). **A invenção das tradições**. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

IHU On-Line- Quais os paralelos que podem ser traçados entre o samba, o rádio e a figura de Getúlio Vargas? Até que ponto esses dois instrumentos ajudaram a deixar a memória de Vargas tão fortemente marcada na memória popular brasileira?

Magno Bissoli - O samba, como expressão coletiva, conquistou a população nas ruas e praças a partir das festas dos negros. O rádio foi posteriormente mais um dos meios para sua divulgação e difusão nacionais, como um elemento da cultura urbana. O samba já era sucesso antes do estabelecimento da rádio comercial no Brasil nos anos 1930. O varguismo usufruiu deste contexto e o ampliou. Naquele período, alto-falantes foram instalados em praças das pequenas cidades, levando o rádio com a voz e as idéias de Vargas à grande parte do território nacional. O samba, cantado no rádio, fixou a idéia da grande Nação propagada pelo Estado na população. Lembre-se ainda que Vargas era popular entre os artistas. Como deputado, em 1928, ele foi autor do decreto legislativo 5.492, que regulava a organização das empresas de diversões e defendia os interesses de quem recebia direitos autorais. Em suas recepções, Mário Reis e o Bando da Lua eram convidados a tocar e cantar. Autores de sucesso compuseram músicas em sua homenagem, enaltecendo sua política e o Estado Novo. Sua veiculação denota a percepção do poder comunicativo da música sobre a população, servindo como instrumento de formação de opinião. Talvez isso possa explicar esta força na memória popular. Conheço pessoas que ainda hoje se lembram daquelas músicas.

IHU On-Line- No contexto histórico da Era Vargas, que coincide, em parte, com a era de ouro do rádio, o samba e a música, em geral, retratavam fortemente o contexto político, tanto como propaganda quanto como crítica. O que o senhor acha disso? Poderia dar nos alguns exemplos de letras musicais da época?

Magno Bissoli- Naquele período, a informação era controlada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e para passar pela censura, as letras das músicas tinham que conter metáforas, caso fizessem alusão a algo contrário à política do governo. É o caso, por exemplo, de Wilson Batista. Em parceria com Ataulfo Alves, compôs “O Bonde São Januário”, uma apologia ao trabalhador. Entretanto, visto pela dubiedade de se auto-enquadrar na forma textual, mas resistir na sua essência, não seria exagero em uma visão bakhtiniana, supor que, ao contrário, há uma satirização das instituições e poderes e da própria condição de trabalhador, pois em lugar de “O bonde São Januário / leva mais um operário”, o significado da letra original e também o que o povo cantava era “O bonde São Januário / leva mais um otário”. Transformado em deboche pelo povo, evidencia a permutabilidade do espírito popular entre os termos “otário” e “operário”. Em minha pesquisa, utilizei a música como fonte e muito pouco as letras. Entretanto, no sentido em que expus o caso de Wilson Batista, muitas são as suas composições que tratam do tema “trabalho”, como “Lenço no Pescoço”, “O Bonde São Januário”, “Acertei no Milhar”. De Assis Valente, a música “Recenseamento” (1940), gravada por Carmen Miranda diz:

“Em 1940, lá no morro,
começou o recenseamento
E o agente recenseador
esmiuçou a minha vida que foi um horror
Quando viu a minha mão sem aliança
encarou com a criança que no chão dormia
E perguntou se meu moreno era decente,
se era do batente ou era da folia”.

Os visionários desta realidade tornaram-se resistências, como Assis Valente, Wilson Batista, Geraldo Pereira, Moreira da Silva e outros. Estes embutiam uma psicologia em seus sambas,

jogando duplamente, pois buscavam driblar a censura, mas, ao mesmo tempo, obter algum ganho para sobrevivência.

IHU On-Line- Acha que, na atualidade, o samba e a música estão muito mais distantes da realidade política do País? Ou é a realidade política que se distancia da cotidianeidade cantada pelo samba?

Magno Bissoli- O Brasil passa há anos por um processo de afastamento, levado a cabo pelos meios de comunicação e pela má qualidade do ensino público fundamental e básico. Há focos de resistência crítica e criativa artístico-cultural, tanto quanto política, mas infelizmente sem espaço para divulgação. Tem-se muito trabalho para encontrá-los. Só a luta comunitária pode constituir um papel positivo no atual cancionero popular. Veja-se o exemplo do “rap”.

IHU On-Line- Há algum paralelo que possa ser traçado entre a identidade nacional do samba na era Vargas e a música brasileira tocada no cenário político atual?

Magno Bissoli- Sim. A tentativa de reconstrução de uma outra identidade das organizações comunitárias, que hoje tende a se generalizar no País.

IHU On-Line- Algum outro aspecto que deseje acrescentar e não foi perguntado

Magno Bissoli- É conveniente esclarecer que não é gratuito encontrar-se nos pronunciamentos de Getúlio Vargas, a relação entre cultura e política. Expressões como a “nacionalidade” e “grandeza da Nação” em geral se associam à “cultura brasileira”. A ela subentende-se a idéia do apreço paternalista à cultura popular, ao samba, aos sambistas. Isso porque Vargas precisou da força produtiva dos afro-descendentes para elaborar a sua propaganda “grandeza da nação”, a nacionalidade como tal. A manipulação daquelas forças produtivas era fundamental para o crescimento industrial. Com efeito, o momento histórico em que o samba é definitivamente aceito, é o momento em que o negro se torna operário industrial. E naquele modelo fascista do Estado, pressupõe-se que, com o desenvolvimento das novas gerações, os negros iriam sendo substituídos pelos mestiços⁷. Paradoxalmente, desejava-se ao mesmo tempo, promover uma “limpeza” racial, que seria operada gradualmente. Ela enfatizava o desenvolvimento “eugênico” da “raça”⁸. Vargas portanto, afirmava um Estado autoritário e se apoiava no mito de uma cultura popular. Toda a população teria que ser convocada para “construir a nação”. Os sambistas, disciplinados pela censura do DIP, deveriam abstrair da “malandragem” e exortar ao trabalho, agindo no sentido de integrar negros e “mestiços” ao trabalho, ao projeto nacional.

A ÚLTIMA VIAGEM DE GETÚLIO ANTES DE SUA MORTE

A família não queria que ele saísse do Rio, mas o presidente insistiu em cumprir um compromisso oficial em Minas, onde acabaria recebendo as maiores homenagens populares antes da morte. Quem relata essa última

⁷ A teoria da mestiçagem de Gilberto Freyre data da década de 1930. (Nota do entrevistado)

⁸ A propósito, vide discurso de 07 de setembro de 1938: “As comemorações da PÁTRIA e da RAÇA deverão ser, daqui por diante, uma demonstração inequívoca do nosso esforço pelo levantamento do nível cultural e eugênico da mocidade, fonte de revigoramento das energias nacionais e penhor seguro do progresso da Pátria”. (p. 337) [...] “É inacreditável despontar solução ao problema do fortalecimento da raça, assegurando o preparo cultural e eugênico das novas gerações” (p. 313). Apud Getúlio Vargas. *As Diretrizes da Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio. (Nota do entrevistado)

viagem é o sítio www.politicaparapoliticos.com.br, publicado no dia 18 de agosto. Trata-se de um belo texto que revela a forte tensão daqueles dias. Agradecemos aos colegas do Cepat a indicação.

“Poucos acreditavam que o presidente Getúlio Vargas, vivendo o agravamento da crise política que se instalara no Rio, depois da morte do major da FAB, Rubens Vaz, e da ofensiva udenista com Carlos Lacerda à frente, deixasse a capital federal por mais de 24 horas. A última viagem de Getúlio Vargas em agosto de 1954, já prevista em agenda, porém, foi mantida e acabaria proporcionando-lhe momentos de reencontro com lideranças sindicais, estudantis e políticas, longe da tensão do Palácio do Catete. Na inauguração das Usinas Siderúrgicas Manesmann, a razão oficial de sua viagem, Vargas aproveitou e também fez um pronunciamento. Antes de confirmar a viagem, no entanto, o presidente teve que enfrentar resistências, conselhos e advertências, que vinham de diferentes setores. Afinal, o caldeirão político no Rio crescia e as articulações e conspirações eram a tônica”.

Quem conta o episódio é o próprio Juscelino em seu livro de memória: “Enquanto a crise se precipitava no Rio eu estava às voltas com outro problema em Belo Horizonte. O presidente havia prometido estar presente à inauguração da Mannesmann. Na véspera desse acontecimento, quando tudo já estava preparado para a solenidade, Amaral Peixoto, genro do presidente e então governador do Estado do Rio, telefonou-me revelando sua apreensão em relação àquela viagem. Temia, com razão, que na ausência do presidente pudesse ocorrer um levante no Rio, já que os ânimos estavam muito exaltados na área militar, notadamente no Ministério da Aeronáutica. Fiz ver a Amaral Peixoto que compreendia sua preocupação, mas que eu, do meu lado, não sabia como poderia evitar a viagem. O presidente fora convidado por mim e seria, portanto, meu hóspede. Qualquer atitude minha no sentido de fazê-lo desistir poderia ser mal interpretada, dando a impressão de que não desejava recebê-lo. Em seguida, Alzira Vargas veio ao telefone e renovou o pedido feito por Amaral Peixoto”.

Vargas não aceitou a desculpa intermediada por Tancredo

Diante dos apelos que se sucediam, Juscelino convocou os diretores da Manesmann para expor-lhes o ocorrido e ficou acertado que Tancredo Neves, então ministro da Justiça, diria a Getúlio que a inauguração fora adiada por um problema técnico. Vargas, porém, não aceitou a desculpa, irritou-se e perguntou a Tancredo se o governador mineiro não queria que ele fosse ao seu Estado, o que foi negado. O presidente foi, então, categórico, e disse a Tancredo: “Se as razões que levam o governador a propor o adiamento da inauguração não se prendem ao desejo de evitar minha presença, irei de qualquer maneira”.

A última recepção popular

Juscelino foi informado e não teve alternativa. Passou a preparar a recepção e o programa a ser desenvolvido, assim como as medidas de segurança que se impunham pelo quadro político existente. Vargas chegou e, em carro aberto na companhia de Juscelino, deslocou-se para a Manesmann, onde recebeu uma surpreendente manifestação de carinho dos operários e pessoas que para lá se haviam deslocado, algo de que ele se ressentia nos últimos meses. E, depois da cerimônia, em que fez um discurso sereno e enérgico, confessava sua satisfação pessoal com o evento. A viagem só lhe dera satisfações e o reanimara depois das nervosas semanas após a morte do major Rubem Vaz e o atentado da rua Tonelero. No trajeto para o Palácio da Liberdade foi intensamente saudado e viveu um de seus melhores momentos dos últimos dias. Durante o almoço, porém, diante de relatórios que recebia do Rio sobre o agravamento da situação política, o chefe da Casa Militar, general Caiado de Castro, procurou

contato com Juscelino dizendo que o Presidente deveria regressar logo, não devendo pernoitar em Belo Horizonte. Era um novo problema para o governador. Juscelino, contudo, disse-lhe que o presidente era seu convidado e não poderia aconselhá-lo nesse sentido. Se ele, general Caiado, julgasse necessário então deveria alertar o presidente, o que aconteceu. Mas Vargas sentia-se bem em Minas, depois de tantos dias turbulentos, e respondeu energicamente: “Não sigo hoje para o Rio, general. Vou pernoitar em Belo Horizonte”.

Uma noite para esquecer a crise

A surpresa maior ainda estava reservada para o início da noite, quando apesar das observações de Juscelino às lideranças sindicais para limitar o número de representantes na audiência com Vargas, o número de sindicalistas, estudantes e mulheres superava a expectativa, tomando completamente o salão do Palácio. Um a um foram todos cumprimentados pelo Presidente, que fez questão de ouvi-los. Foi um tipo de audiência pública que se prolongou até quase 22 horas com o presidente ouvindo atentamente cada grupo. Logo seguiu-se o jantar oficial com número restrito de convidados. Vargas mostrava-se ainda mais feliz, conta Juscelino, não revelando qualquer sinal das dificuldades políticas que enfrentava. Por volta da meia-noite, a recepção chegou ao fim e o presidente recolheu-se aos seus aposentos, mas antes buscando um livro na biblioteca, pois não costumava dormir sem ler e optou por um de Eça de Queiroz. No dia seguinte, agradeceu efusivamente a Juscelino as atenções recebidas, dizendo que dormira muito bem.

Reconciliação com Deus?

Do mordomo, Damásio, porém, o governador recolheria mais tarde outro tipo de informação. Por duas vezes ele fora alertado. A primeira em função de barulho estranho que parecia um deslocamento de móveis, mas era devido ao vento, e na outra, mais tarde, pouco antes de entrar no quarto do presidente, testemunhando uma cena inesperada: Vargas recostado na cabeceira da cama, com as mãos postas e os olhos fechados. E notou que parecia que seus lábios se moviam, como se estivesse rezando, mesmo se sabendo que não era um religioso. Conta, porém, Juscelino, que mais tarde, conversando com Miguel Teixeira, amigo íntimo de Vargas, soubera que ele havia se reconciliado com Deus e passou a admitir a versão do mordomo. Vargas teria feito uma prece na noite em que passou em Belo Horizonte! Ao deixar Minas, Getúlio estava menos tenso, mais alegre, e cordial como sempre, e agradeceu ao governador dizendo que jamais esqueceria as horas felizes que lhe foram proporcionadas. Getúlio Vargas voltava ao Rio para enfrentar a fase mais crítica da crise que culminaria com a reunião ministerial da noite de 23 e madrugada de 24 de agosto. E, logo depois dela, o suicídio.

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

HOMENS INVISÍVEIS: RELATOS DE UMA HUMILHAÇÃO SOCIAL, DE FERNANDO BRAGA DA COSTA. RIO DE JANEIRO: GLOBO. 2004.

Nesta semana apresentamos o livro *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*, de Fernando Braga da Costa. Para isto nos servimos da entrevista feita por Paula Barcellos e publicada no *Jornal do Brasil*, em 21 de agosto de 2004.

'SENTI UM MAL-ESTAR SÚBITO: NINGUÉM MAIS ME VIA'

O que poderia ser apenas uma aula do curso de graduação de Psicologia tornou-se um projeto de pesquisa que já dura 10 anos. Em 1994, o então estudante da USP Fernando Braga da Costa teve que acompanhar o cotidiano de um grupo de "trabalhadores braçais". O jovem não pensou duas vezes: resolveu ser gari por um dia. As expectativas do hoje psicólogo clínico e doutorando em Psicologia foram contrariadas nas primeiras varridas pelo campus: "Buscava a expressão de alguém surpreso: 'Que roupas são essas?'. Mas nenhum cumprimento. Estava invisível".

Depois de sentir na pele a humilhação social sofrida pelos garis, Fernando passou a conviver com o grupo uma vez por semana - "terça-feira, dia de varrição" - para realizar uma pesquisa sobre o fenômeno de invisibilidade pública. Esses 10 anos de trabalho podem, agora, ser conferidos em *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social* (Globo, 256 páginas, R\$ 32).

Mas a obra não é simplesmente o registro de uma pesquisa. O psicólogo ultrapassa os interesses acadêmicos e constrói uma espécie de livro-reportagem, cujos personagens são aqueles garis, que todos vêem diariamente, mas nunca os enxergam de verdade.

E foi justamente com esses trabalhadores quase invisíveis - apesar do uniforme laranja - que Fernando aprendeu o ofício da sua profissão: "Minha formação como psicólogo dependeu muito mais deles do que de 90% dos meus professores".

E não perdeu a oportunidade de alfinetar a postura do meio acadêmico: "A USP é uma fogueira de vaidades. Poucos se salvam".

Como surgiu a idéia de se passar por gari para sentir na pele a realidade dos trabalhadores braçais?

Fernando da Costa - Foi um pedido feito a todos os alunos que cursavam a disciplina de Psicologia Social 2 na graduação da USP. Era uma forma de experienciar o dia-a-dia destes trabalhadores. Escolhi a profissão de gari porque socialmente é a que tem maior rejeição. Ninguém quer ser gari. É a última possibilidade de qualquer pessoa.

Há 10 anos, você trabalha como gari uma vez por semana na USP. O comportamento de quem passa pelo campus mudou em relação a esses funcionários?

Fernando da Costa - Não. Muito pelo contrário. Uma vez, inclusive, uma repórter bem conhecida foi tentar entrevistar um professor da Psicologia e passou bem próximo ao nosso

grupo. Era uma terça-feira, meu dia obrigatório de varrição. Ela fez uma cara de nojo e de desprezo que jamais vou esquecer. Os garis a reconheceram: "Não é aquela moça da televisão?". Foi terrível. Cada dia fica mais evidente como é urgente que lutemos para extinguir profissões como essa, uma espécie de escravidão disfarçada de trabalho assalariado, como são, inclusive, todas as profissões reservadas às classes pobres. Há a necessidade de nos organizarmos politicamente para incrementar a consciência que temos disso tudo. A partir daí, e somente depois de discutir com eles mesmos, os garis e outros trabalhadores braçais, poderemos imaginar as saídas para este estado de coisas.

Qual foi a sensação de passar completamente despercebido pelo prédio onde estuda e trabalha?

Fernando da Costa - Foi como ter desaparecido. Antônio (um dos garis) e eu entramos no bloco de aulas. Os alunos estavam em intervalo, fora das salas: pelos corredores internos, no centro acadêmico, na lanchonete. Conhecia aquela gente: amigos de turma, veteranos, companheiros do time de futebol, parceiros do tênis de mesa, os professores. Todos do Instituto de Psicologia. Atravessamos o andar térreo de ponta a ponta. Subimos as escadas. Passamos pelo andar superior. Descemos as escadas. Novamente andamos pelo térreo. Transitamos em frente à lanchonete. Estava atento. Buscava a expressão de alguém surpreso: "Que roupas são essas, Fernando?!". A atenção foi cansando lentamente. Meu olhar foi assumindo função meramente instrumental. Eu precisava, agora, era desviar daqueles que não me viam: era para isso que, frustrado, eu precisava agora estar atento. Já não esperava surpresa alguma dos outros comigo. Deixei de esperar pelas perguntas intrigadas, mas ainda seria capaz de responder a algum cumprimento, alguém que me tomasse por gari ao lado de um outro gari. Nenhum cumprimento, mesmo discreto. Os olhares me tangenciavam. Mal-estar súbito: eu estava invisível. Antônio comigo: Antônio estava invisível.

A invisibilidade na novela

Como definiria o chamado fenômeno da invisibilidade pública, que você explora no seu livro?

Fernando da Costa - Na novela *O clone*, por exemplo, havia cinco atores/ personagens que conviviam quase que diariamente: Neusa Borges, Reginaldo Faria, Vera Fischer, Giovanna Antoneli e Murilo Benício. A personagem da Neusa era responsável por arrumar a mala dos quatro, servir os convidados diariamente, cuidar de todos os problemas da casa, atender o telefone e a campainha. Mas alguém viu o namorado dela? Alguém viu algum drama que ela tenha protagonizado? Alguém viu a casa dela ou o quarto dela? Alguém viu a família dela? Não, não vimos. E não adianta a explicação superficial de que era ela uma personagem secundária. Aliás, diga-se de passagem, personagens secundários em telenovelas são sempre os empregados. Ela era invisível. A gente via, mas, na verdade, não via a personagem da Neusa. Todas as suas dimensões psicológicas foram suprimidas, apagadas, ficaram invisíveis. Só aparecia a função, o serviço dela, não a pessoa. Todas as novelas são assim: ou todos os pobres ficam invisíveis ou, quando atingem alguma visibilidade, é porque ficaram ricos ou amigos dos ricos.

Como os seus colegas da Psicologia reagiram ao saber o que estava fazendo?

Fernando da Costa - Com exceção de poucos amigos, total indiferença. Em algumas situações, era até esnobado.

Os garis sabem que você desenvolve esta pesquisa? Como eles reagem?

Fernando da Costa - Sempre souberam, desde o primeiro instante. Existir um "estudante" entre os gariis várias vezes os intrigou. Vez ou outra, meu trabalho era até interrompido para um interrogatório espantado: por que um aluno da USP aqui? Recebe salário? Veio fazer o quê? Não raramente, a fim de melhor responder, contava o episódio do uniforme no Instituto de Psicologia. Alguns emudeciam, sem fazer comentários. Outros nem esperavam eu terminar: Lafaiete, por exemplo, gargalhava quando eu dizia ter esperado que eu seria reconhecido pelos colegas da faculdade. Tiago ouviu com raiva o episódio, o semblante violento, os olhos injetados. Josias também ouviu a história; estávamos trabalhando; quando terminei o relato, ele pontificou: "Se alguém não te olha quando cê tá assim, e quando cê troca de roupa diz ser teu amigo, pode ter certeza que não é amigo coisa nenhuma".

Reinvenção da sociedade

Eles ainda são muito humilhados, mesmo trabalhando numa universidade, lugar de formação pessoal e profissional?

Fernando da Costa - A USP é um lugar social como outro qualquer. Não é esclarecimento ou diploma que traz respeito. Não é ter feito faculdade que traz educação. O único fenômeno capaz de reverter essa situação é a amizade ou, falando mais radicalmente, o amor. Se respeitássemos verdadeiramente uns aos outros nunca permitiríamos que alguém devesse se submeter a trabalhar eternamente, todo dia, o dia inteiro, recolhendo lixo de outras pessoas. Precisamos reinventar a sociedade, redividir os trabalhos e as tarefas necessárias em nossa comunidade. E isso não é possível no capitalismo industrial quase hegemônico no mundo de hoje, nem no capitalismo de Estado, como ocorre em Cuba ou existiu na ex-URSS. Nunca houve comunismo de fato no mundo. Comunismo e ditadura são opostos. Mas é bom para a elite, para a classe dominante, dizer que a China é comunista ou que o comunismo matou milhões de pessoas no mundo, como fazem semanalmente em alguns meios de comunicação. Para essa turma está tudo realmente fantástico.

Há algum tipo de humilhação mais recorrente?

Fernando da Costa - Desde o momento em que se bate o cartão na entrada até quando novamente o fazem na saída, é humilhação o tempo todo. São escravos, assim como as empregadas domésticas. Não falam como se estivessem diante de gente, apenas ordenam o que fazer e o que não fazer. Somos carregados na caçamba da caminhonete com as ferramentas, como se fôssemos ferramentas também. Eu poderia ficar horas descrevendo todas as humilhações pelas quais passamos diariamente. Não há mais como esconder isso.

Casa Grande e Senzala. Na universidade.

Como eles são tratados por seus superiores? Há desrespeito?

Fernando da Costa - Casa Grande e Senzala. Não há diferença. Sai o chicote, entra o salário miserável e a necessidade de sobrevivência. Enquanto existirem patrões e empregados, isso sempre persistirá.

Você pretende continuar se passando por gari? Hoje, você já sente uma certa necessidade, mesmo que inconsciente, de viver essa experiência?

Fernando da Costa - É impossível sair de perto deles. Às vezes, acontece de eu passar duas, três semanas sem trabalhar ali, como quando terminava de escrever a tese. Mas passo lá sempre, mesmo que seja só para o almoço. Ninguém quer ficar longe de onde se sente acolhido. Lá, sinto-me como quando estou em família ou com meus amigos mais próximos. E,

além disso, minha formação como psicólogo dependeu muito mais deles do que de 90% dos professores da USP. A USP é uma fogueira de vaidades. Poucos se salvam.

Qual a lição que tira desses 10 anos de convivência?

Fernando da Costa - Enquanto cada um de nós não for responsável por lavar seu próprio vaso sanitário, continuará sendo uma atitude falsa e perversa dizer que vivemos um estado de democracia e igualdade. O capitalismo naturaliza tudo isso, perpetua a desigualdade e a escravidão. A classe dominante muda os nomes e os conceitos científicos, mas a verdade é que continuamos submetidos a sistemas de dominação cada vez mais cruéis.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Memória

MARIA DE LURDES PINTASILGO - 1930-2004

No dia 10 de julho, faleceu Maria de Lurdes Pintasilgo, aos 74 anos de idade. Maria de Lurdes Pintasilgo foi primeira-ministra no V Governo Constitucional, entre agosto e dezembro de 1979, e era licenciada em Engenharia Químico-Industrial. Iniciou a carreira pública como procuradora na Câmara Cooperativa em 1965, tendo aí permanecido até 1974. Após o 25 de Abril, ocupou vários cargos governamentais, tendo sido ministra dos Assuntos Sociais nos II e III Governos Provisórios, antes de chefiar o V Governo Constitucional. Em julho de 1975, foi nomeada embaixadora de Portugal na UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, cargo que desempenhou até junho de 1981. Foi consultora do ex-presidente da República Ramalho Eanes e fundou o Movimento para o Aprofundamento da Democracia em 1986. No mesmo ano, candidatou-se à Presidência da República, tornando-se a primeira mulher em Portugal a protagonizar uma candidatura à presidente. Nascida em 18 de janeiro de 1930, foi também a única primeira-ministra de Portugal. Integrou várias organizações internacionais e foi eleita deputada pelo Partido Socialista ao Parlamento Europeu em 1987. Publicou várias obras sobre o papel da Igreja na sociedade e sobre a ascensão das mulheres na vida política e pública. Foi também através da sua ação que foi criado em Portugal o movimento cristão Graal.

Há poucos dias, ante de sua morte, no dia 2 de julho, a ex-primeira-ministra Maria de Lurdes Pintasilgo considerou que “Portugal está a atravessar a maior crise desde o dia 25 de abril” de 1974.

Mulher sonhadora na busca da justiça

Os jornais portugueses destacaram que Pintasilgo foi “mulher sonhadora e fortemente empenhada na luta pela transformação da sociedade e a dignificação da mulher. Via mais do que aquilo que se vê”. Segundo outro jornal “Maria de Lourdes Pintasilgo, nascida em Abrantes, mas com as raízes paternas na Covilhã, foi mulher católica assumida e comprometida na busca da justiça, na dignificação da mulher, e na promoção dos direitos sociais e humanos”. E um articulista português escreve: “Recordo o impacto que teve em muitos jovens, nos fins da década de 50, o Movimento Internacional Graal, que contou com a oposição inicial do cardeal Cerejeira, por ser uma associação religiosa «demasiado avançada» para a nossa sociedade”.

O movimento acabou por se implantar com a ajuda da sua amiga Teresa Santos Clara Gomes. Nas reuniões, a ditadura salazarista era criticada, bem como no Boletim policopiado e

distribuído particularmente que nem a PIDE conseguiu travar de forma eficaz. Pintasilgo foi a mulher forte, de que falam as Escrituras. Inteligente, livre, politicamente empenhada, tornou-se um modelo e um desafio para as mulheres de hoje e amanhã. Engenheira química, directora de projectos na CUF, fez parte da Câmara Corporativa em 1969, embaixadora de Portugal na UNESCO, secretária de Estado dos Assuntos Sociais dos II e III governos provisórios, Primeira-Ministra indigitada por Ramalho Eanes, candidata à Presidência da República em 1985. Foi presidente da Comissão Interministerial sobre a política social relativa à mulher, presidente do Grupo de Trabalho da OCDE sobre «A Mudança Estrutural e o Emprego das Mulheres».

No dia 8 de junho de 2003, Maria de Lurdes Pintasilgo exortava os governos a ouvirem "as organizações não-governamentais e não o G8" para a construção de "um outro mundo possível". Para ela, o G-8, "não sendo uma estrutura democrática, passou completamente ao lado das vozes de milhões de pessoas que se manifestaram nas ruas contra a guerra no Iraque" e "a hegemonia imperial americana", afirmou a ex-primeira-ministra, no Fórum Social Português. Lá ela defendeu, segundo o jornal *O Público*, o ativismo social e o papel das organizações não-governamentais na construção de "um outro mundo possível" — o tema da conferência.

Movimento Graal

Em Portugal, ela fundou, em 1957, o movimento Graal. O Graal é um movimento transnacional de mulheres motivadas pela procura espiritual e pela promoção de um mundo mais solidário, conforme o sentido simbólico da lenda que deu origem ao nome do movimento. É uma corrente de idéias e iniciativas, partilhada por mulheres cristãs de diversas gerações e culturas.

O movimento foi fundado na Holanda, em 1921, por um grupo de estudantes cristãs convencidas de que era necessário tornar visíveis e operacionais as capacidades das mulheres. Espalhou-se pelos cinco continentes - atualmente está ativo em 18 países - crescendo na diversidade de envolvimento social e experiências espirituais, empenhado em estimular, na vida social, valores de ordem ética, cultural e espiritual. A missão do Graal é construir uma cultura do cuidado, na qual existem direitos e responsabilidades, tendo em vista o futuro do planeta e a qualidade de vida da humanidade.

A opção política a partir da fé cristã

Em 1994, numa longa entrevista publicada no jornal português *O Público*, ela explica por que se dedicou à política. "A escolha do meu curso de engenharia foi logo uma aposta numa zona que aparecia como importante, nesses anos cinquenta, para instaurar novas relações sociais e ir ao encontro dos mais carenciados ou marginalizados. Aliás, devo dizer que esse curso me proporcionava fazer investigação - como fiz ainda, durante um ano, na Junta de Engenharia Nuclear -, mas o apelo veio justamente desse interesse pela realidade do mundo industrial e das pessoas que nele viviam. Fui também muito influenciada pelos ideais vividos no interior da Igreja Católica, em particular pela experiência dos padres operários em França, e pela própria experiência da filósofa Simone Weil⁹". Uma vez formada, foi trabalhar em contato direto com a realidade operária. Segundo ela, "pude viver, nas fábricas da CUF, no Barreiro, ao pé de pessoas que diariamente respiravam a poluição e nunca podiam, por exemplo, ter um vaso de flores no quintal. Esta experiência arrastou outro tipo de interrogações: como era possível que, numa empresa onde inclusivamente havia, da parte dos seus proprietários, uma preocupação social evidente, não se pudesse avançar com as idéias que se defendiam nem concretizar as

⁹ Para conhecer mais Simone Weil confira o *IHU On-Line* n.º 84, de 17 de novembro de 2003, que dedicou a ela uma longa reportagem de capa. (Nota do *IHU On-Line*).

medidas sociais que se justificavam? E foi conversando com os seus responsáveis que me fui apercebendo dos condicionalismos que o poder político impunha à iniciativa privada. Isso acentuou ainda mais o meu interesse pelas questões políticas”.

Na mesma entrevista relata como, desde cedo, começa a participar de movimentos de inspiração cristã. “Muito especialmente no GRAAL - um movimento de mulheres que tentam viver em conjunto o seu empenhamento de cristãs na vida social – narra Maria de Lurdes Pintasilgo no jornal O Público. O GRAAL tem, pelo mundo fora, diversas equipas, muito mobilizadas para aquilo a que se chamou o desenvolvimento comunitário - adquirindo, mais tarde, expressão concreta na teologia de libertação. Libertação entendida como conceito de libertação das sociedades, num plano social, econômico e necessariamente político. Tudo isso norteado pelo ideal cristão, com o qual me identifico totalmente”.

O Testemunho de Boaventura de Sousa Santos

Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, amigo pessoal de Pintasilgo, a quem apoiou na sua candidatura presidencial, afirmou que “o Portugal do 25 de Abril está de luto. Deixou-nos uma das personalidades mais marcantes da vida política portuguesa do século XX, que representava muitos dos valores que estão agora em perigo”. Para ele, Portugal “perdeu uma das mais insígnias políticas que o 25 de Abril nos deu”. Num belo artigo publicado pela Agência Carta Maior, 14 de julho de 2004, Boaventura de Sousa Santos escreve: “Maria de Lurdes Pintasilgo nos deixou um radioso testamento político que se pode resumir assim: concebamos a democracia como uma aspiração sem fim cuja vitalidade está na participação dos cidadãos, combinando a democracia representativa com a democracia participativa; acreditemos na política e nos políticos, mas repudiemos frontalmente os empresários políticos que transformam a participação genuína dos cidadãos em matéria-prima para os seus projetos pessoais, gigantes na ambição, mas minúsculos em humanidade e ética; lutemos por uma democracia com redistribuição social, já que, sem ela, a democracia transforma-se em fachada benévola da injustiça social causada pelo capitalismo; aspiremos à igualdade efetiva da dignidade humana, mas incluamos nela o reconhecimento da diferença igualitária entre mulheres e homens, negros e brancos, entre gerações, etnias e religiões; valorizemos o fato de a nossa democracia ser suficientemente jovem para não aceitar com facilidade que a hipocrisia se confunda com a verdade, a resignação com o consenso, a falta de vontade política com a falta de alternativa; busquemos na nossa história o vigor de uma nova pulsão cosmopolita que transforme o nosso país num facilitador de trocas tanto quanto possível igualitárias entre a Europa, a África, a América Latina e a Ásia; assumamos a interculturalidade e a inter-religiosidade, e façamos do secularismo a asa que liberta o espírito para a transcendência, em vez das algemas que o prendem a um cotidiano suicidado pelo seu sem-sentido”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

O testamento de João Paulo II: “Defendam a vossa liberdade”

“‘Defendam a vossa liberdade’ é a fórmula choque desta viagem, que ficará para a posteridade” escreve o vespertino francês *Le Monde*, 17-8-04. A reportagem é assinada pelo jornalista Henri Tincq, reconhecido vaticanista francês. “Trata-se de um testamento à França. Um apelo a uma

nova mobilização espiritual, ao mesmo tempo que um convite premente aos católicos para que não fiquem passivos nos debates da sociedade francesa. Desde a sua alocução a Jacques Chirac, depois de ter invocado o 'patrimônio da cultura e da fé' que marcou a história da França, depois denominada 'os ideais da liberdade, da igualdade, da fraternidade', João Paulo II disse que "a Igreja, respeitando as competências de cada um, deseja oferecer à sociedade a sua contribuição específica", escreve o **Le Monde**, na longa e significativa reportagem.

A ditadura dos jovens

Este é o título da longa e instigante entrevista com o filósofo alemão Frank Schirrmacher, publicada na revista **Veja**, de 18-8-04. "Hoje, cada quatro trabalhadores americanos e europeus sustentam um aposentado" - constata o filósofo. Segundo ele, "quando eu estiver velho, essa proporção será de um para um, o que é economicamente inviável. Nos países em desenvolvimento, o crescimento espantoso da expectativa de vida vai causar o mesmo problema. Por isso, as pessoas deveriam trabalhar até uma idade mais avançada, desde que a profissão o permita." E continua: "Em compensação, quem tem entre 30 e 40 anos e possui filhos deveria trabalhar menos. E ganhar mais. Está errada a idéia de que os salários devem aumentar quanto mais tempo de serviço o trabalhador tem. Pais que ainda estão criando suas crianças precisam ganhar mais que aqueles cujos filhos já são adultos. Por outro lado, deve-se dar aos idosos as mesmas condições que são oferecidas aos empreendedores jovens para abrir um novo negócio. Atualmente, os bancos dificultam os empréstimos para pessoas acima de 60 anos".

Consumo engajado. Consumo ético

Foi pensando em estimular o "consumo engajado" que o Idec acaba de lançar o *Guia de Responsabilidade Social para o Consumidor*, um livreto de 22 páginas com um painel sobre o movimento mundial de consumidores e sua articulação do Brasil. Em outros países, isso vem se chamando de "consumo ético". No livreto, são apresentadas oito dicas de como um indivíduo pode exercer o chamado "consumo responsável".

Vale conferir:

- 1) Refletir sobre seus hábitos de consumo, reduzir quando possível, não desperdiçar e dar destinação correta ao resíduo ou ao produto pós-consumo
- 2) Escolher marcas de empresas reconhecidas por suas práticas responsáveis e éticas;
- 3) Obter informações, por meio da mídia e das associações sociais, sobre os impactos sociais e ambientais da produção, do consumo e do pós-consumo de produtos e serviços;
- 4) Entrar em contato com o SAC das empresas por telefone ou por escrito, para questionar sobre os impactos e pressionar pela adoção de práticas sustentáveis de produção e pós-consumo;
- 5) Procurar saber se a empresa tem um balanço social e solicitar informações a respeito;
- 6) Boicotar marcas de empresas envolvidas em casos de desrespeito à legislação trabalhista, ambiental e de consumo. Por exemplo, consulte a lista de reclamações fundamentadas do Procon, a fim de saber como determinada empresa se comporta em relação ao consumidor;
- 7) Participar a apoiar associações de consumidores;
- 8) Denunciar práticas contra o meio ambiente, contra as relações de consumo e de exploração do trabalho infantil às autoridades competentes.

Mais informações podem ser encontradas na página www.idec.org.br. Nos próximos meses, o boletim **IHU On-Line** irá abordar o consumo ético como tema de capa.

A polêmica do memorial Getúlio Vargas

A transferência dos restos mortais de Getúlio Vargas do Cemitério Jardim da Paz para um memorial projetado por Oscar Niemeyer, que será inaugurado no próximo dia 24 em São Borja, para marcar o cinquentenário da morte do ex-presidente, está dividindo a cidade, a 600 quilômetros de Porto Alegre. Parte da população de São Borja concorda com a transferência e parte é contra. A notícia é do jornal **O Globo**, 17-8-04. O advogado Iberê Athayde Teixeira ajuizou uma ação popular para impedir o traslado dos restos mortais alegando que se trata de patrimônio histórico. Até a semana que vem o município ajuizará outra ação defendendo a tese de que patrimônio histórico pode ser o túmulo, mas não os restos mortais. Na dúvida, a Assembléia Legislativa, que promove a homenagem, suspendeu o traslado porque três dos sete netos de Vargas não autorizaram. O presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, Vieira da Cunha (PDT), disse que procurou os sete netos e conseguiu autorização de apenas quatro. O monumento pesa 40 toneladas e está sendo levado para São Borja por duas carretas. Tem 5,57m de altura por 2m de largura. O memorial é todo branco e foi construído com seis toneladas de cimento estrutural e 30 toneladas de areia e brita. A obra terá a cartatestamento de Vargas gravada em uma placa de aço inoxidável afixada em uma das curvas do concreto. Para que o monumento possa ser implantado, a Praça Quinze de Novembro, no centro de São Borja, precisou sofrer algumas alterações, como a construção de um passeio de 50 metros de extensão e uma iluminação especial para conduzir os visitantes.

Derrida: o 11 de setembro não foi terrorismo

Até hoje, quase três anos depois dos atentados em Nova York e Washington, o mundo ainda não sabe o que significa o 11 de Setembro, afirmou no dia 17 de agosto o filósofo francês Jacques Derrida, de 74 anos, que veio ao Rio participar de um colóquio dedicado à sua obra, na Maison de France. Segundo Derrida, um dos maiores filósofos contemporâneos, não se pode dizer que o 11 de Setembro tenha sido ato de terrorismo. "Não é ato de guerra porque, para isso, é preciso uma declaração entre Estados. E, na História, muitos movimentos a princípio considerados terroristas depois se legitimaram como movimentos de resistência nacional. Quem atuou na Resistência francesa era chamado de terrorista, assim como quem lutou pela fundação de Israel. Quem luta por um Estado palestino também é visto como terrorista, da mesma forma que os argelinos que queriam independência. Portanto, é uma palavra de uso complicado" - disse Derrida, francês de origem argelina, que está lançando, no Brasil, o seu livro **Papel-Máquina**, editado pela Estação Liberdade. A notícia foi publicada pelo jornal **O Globo**, 17-8-04. Para Derrida, "o tipo de violência que se tem designado como terrorismo, diferentemente dos movimentos que acabei de evocar, não visa à constituição ou à reconstituição de um Estado-Nação. A Al-Qaeda não quer um estado-nação árabe-islâmico. Portanto, não é terrorismo". Derrida, que também está lançando *Filosofia em tempo de terror* (Zahar), no qual ele e o filósofo alemão Jürgen Habermas analisam o impacto do 11 de Setembro, afirmou que a política intervencionista do governo George W. Bush não foi determinada pelos ataques a Nova York e Washington. "Os EUA sabem que, daqui a sete ou oito anos, a China vai crescer muito e a demanda por petróleo será enorme. Tudo o que aconteceu no Iraque já estava programado. Eles querem controlar o abastecimento no Oriente Médio", afirmou Derrida, que há um ano deixou de dar aulas e reduziu o ritmo de viagens internacionais por causa de um câncer.

Derrida: abolição do matrimônio

"Sim, estou perigosamente doente e estou fazendo uma terapia que serve pouco...". Aos 74 anos, Jacques Derrida se confessa numa entrevista ao jornal **Le Monde**. A notícia está

publicada no jornal *Il Manifesto*, 19-8-04. Com Gilles Deleuze, Michel Foucault, Jacques Lacan e Louis Althusser, Derrida pertence à geração que mudou o curso da filosofia no século XX. Na entrevista, Derrida afirma que “permanece extremamente crítico em relação ao eurocentrismo formulado por Valéry, Husserl e Heidegger, mas hoje a Europa é desafiada a assumir uma nova responsabilidade”. A de garantir o direito internacional e de idear uma outra política antiglobalização. Mas a posição mais polêmica da entrevista do filósofo da “desconstrução” é a sua posição radical contra o conceito de “matrimônio”. Contra a hipocrisia do valor religioso, sagrado e heterossexual desta união nascida, segundo ele, de uma concessão do estado leigo à igreja católica, Derrida propõe a generalização das uniões civis não monogâmicas e sem diferença de sexo. A íntegra da longa entrevista de Jacques Derrida pode ser lida no sítio do jornal *Le Monde* www.lemonde.fr

Chávez segundo um ex-guerrilheiro venezuelano

“Chávez é um populista latino-americano bastante clássico, como o que corresponde ao estereótipo do populista tradicional. Por outro lado, naturalmente há também algo de caudilho latino-americano. Seu governo é personalista, ele simplesmente dá ordens e espera que sejam cumpridas sem nenhuma discussão. Não é um marxista-leninista, muito menos comunista. A ideologia que ele tem tentado construir com o bolivarianismo é mais uma retórica muito pouco ilustrada. Não creio que funcione muito, salvo o peso que possa ter o aproveitamento a religião laica que existe em nosso país em torno de Simón Bolívar [herói da independência]”. A descrição é de Teodoro Petkoff, 72, diretor do tablóide *TalCual* e ex-dirigente do MAS (Movimento ao Socialismo), partido rompido desde 2000 com o presidente Hugo Chávez, em entrevista publicada dia 18-8-04, na *Folha de S. Paulo*. Petkoff foi um líder guerrilheiro nos anos 1960. Ele reconhece a vitória de Chávez no plebiscito de domingo, dia 15-8.

Chávez e o PT, segundo Petkoff

Na entrevista citada acima, publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, 18-8-04, T. Petkoff, descreve o “esquerdismo” de Chávez, dizendo que no discurso do presidente venezuelano “encontram-se alusões ao que seria um discurso de esquerda. As preocupações sociais pelos mais humildes correspondem a um discurso de esquerda. Mas seu comportamento tem laivos fascistóides, o autoritarismo, a tendência ao controle absoluto das instituições do Estado. Ele é complexo. Agora, é evidente que, ao seu lado, está o que podemos chamar de esquerda anacrônica.” E continua: “Não imagino nunca um partido como o PT ao redor de um tipo como Chávez. Jamais, mesmo com o tropeço que foi esse apoio público [o manifesto petista em favor do presidente venezuelano]. Ouvi, com esses ouvidos que a terra vai comer, José Genoino [presidente do PT] mencionar, em fevereiro do ano passado, o dano que o ultra-esquerdismo causa à política de avanços sociais. E mencionou Hugo Chávez. Estou seguro de que há razões de política interna brasileira para esse apoio e que Lula não tem nada a ver com isso”.

Plebiscito venezuelano: algo extraordinário!

“Estranho ditador este Hugo Chávez. Masoquista e suicida: criou uma Constituição que permite que o povo o destitua e se arriscou que isso ocorresse num plebiscito revocatório que a Venezuela realizou pela primeira vez na história universal”, escreve Eduardo Galeano, escritor uruguaio, no artigo “Entre Venezuela e Nadalandia” publicado dia 18-8-04, no jornal argentino *Página/12*. “Não houve castigo. E esta foi a oitava eleição que Chávez ganhou em cinco anos, com uma transparência que quereria Bush para um dia de festa. Obediente à sua própria Constituição, Chávez aceitou o plebiscito, promovido pela oposição, e pôs o seu cargo à disposição do povo: ‘Decidam vocês’. Até agora, os presidentes interrompiam sua gestão

somente por morte, quartelada, golpe ou decisão parlamentar tipo impeachment. O plebiscito inaugurou uma forma inédita de democracia direta. Um acontecimento extraordinário. Quantos presidentes, de qualquer país do mundo, se animariam a fazer isto? E quantos seguiriam sendo presidentes depois?”

Onze milhões foram “expulsos” da classe média

De 1981 a 2002, a classe média do País desabou de 42,53% da população para 36,03%. Se as proporções tivessem sido mantidas ao longo desses 20 anos, em vez de 61,9 milhões de pessoas com renda superior a mil reais, haveria 73 milhões. “Isso significa dizer que 11 milhões de pessoas foram rebaixadas socialmente. Desde a década de 80 o país não cresce de forma sustentada, o que impacta diretamente os níveis de ocupação, que, por consequência, refletem-se nos níveis de renda” - explicou o professor Waldir Quadros, do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade de Campinas (Unicamp), que fez a pesquisa a pedido da empresa de recursos humanos Gelre. A notícia está publicada nos jornais **O Globo** e **Folha de S. Paulo** de 19-8-04. Segundo o levantamento, houve um inchaço das classes sociais menos favorecidas. Os pobres (rendimento familiar entre R\$ 500 e mil reais) passaram de 31,665 milhões para 45,948 milhões, um crescimento de 45%. Entre os miseráveis (rendimento familiar inferior a R\$ 500), o salto é ainda maior: passaram de 36,317 milhões para 61,680 milhões, uma alta de 69%. Outra revelação do estudo é o aumento do desemprego entre a parcela da população que tem maior nível de escolaridade. De acordo com o estudo, a proporção de desempregados com ensino superior completo subiu de 41,66% para 72,06% para aqueles que ganhavam acima de R\$ 5.000 por mês. Para Quadros, o país só conseguirá superar o problema do desemprego com a retomada do crescimento econômico sustentado, ou seja, por um longo período de tempo. “A pré-condição fundamental é a retomada do crescimento sustentado e expressivo, tal como no período 1930-1980, próximo de 7% ao ano. Sem dinamismo econômico expressivo, tudo o mais fica irremediavelmente comprometido”, disse. Para o economista, o crescimento precisa ser “acompanhado de vigorosas políticas sociais redistributivas”.

Cai o mito da cláusula pétrea do direito adquirido?

O governo avalia que a decisão de anteontem do STF (Supremo Tribunal Federal) de autorizar a cobrança previdenciária dos servidores públicos inativos é um marco que acaba com o “mito da cláusula pétrea do direito adquirido”, segundo expressão ouvida pela *Folha* na cúpula da administração Luiz Inácio Lula da Silva. Ou seja, do ponto de vista jurídico, estão abertas as portas para o governo encaminhar as reformas sindical e trabalhista para o bem ou para o mal, segundo um interlocutor direto de Lula. A notícia está publicada na **Folha de S. Paulo**, 20-8-04, e é assinada pelo chefe da sucursal do jornal em Brasília, o sempre bem informado jornalista Kennedy Alencar. Direito adquirido é aquele já incorporado ao patrimônio de uma pessoa. Ele não poderia ser reduzido ou subtraído por constituir uma cláusula pétrea - disposições da Constituição que não podem ser mudadas por emenda. Os contrários à taxação dos inativos argumentavam que ela era inconstitucional por constituir direito adquirido. No que pese a avaliação de que o STF relativizou o direito adquirido, o que levaria o tribunal a agir da mesma forma em contestações futuras a reformas do governo, Lula pretende apresentar uma proposta trabalhista ‘light’. Segundo Kennedy Alencar, dando como certa a reeleição de Lula, o governo petista faria a reforma trabalhista ‘hard’ durante o segundo mandato. Assim, neste primeiro momento, não se deve esperar a quebra radical de direitos da Era Vargas, como o 13º salário. Já depois...

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

A vitória de Chávez

“Esta é uma vitória da Constituição. Estamos fundando um novo modelo democrático, inédito no mundo” - Artur Chávez, presidente da Venezuela - O Globo, 17-08-04.

“Parece que a oposição está tentando entrar em contato com Marte, porque nem mais na OEA nem no Centro Carter meus opositores confiam” - Artur Chávez, presidente da Venezuela - O Globo, 17-08-04.

“Quero dirigir-me ao governo dos EUA, a nação mais poderosa do planeta, para que a partir de hoje respeite o Governo e o povo da Venezuela” - Artur Chávez, presidente da Venezuela - El País, 17-8-04.

“Eu acho que o povo da Venezuela ganhou. Ganhou por sua auto-afirmação, ganhou porque consolidou um processo democrático e ganhou porque conseguiu provar ao mundo que a paz e a democracia ainda são os grandes caminhos para resolver os problemas da humanidade”. - Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil - Folha de S. Paulo, 17-8-04.

2006: Lula reeleito. 2010: Marta

“Imagine. A Marta na Prefeitura de São Paulo com dinheiro, já tendo realizado o ajuste fiscal, Lula na Presidência e Aloizio Mercadante no governo do Estado. Não vai ter pra ninguém. Ela fica até o final do mandato, em 2008; em 2009, começa a percorrer o país e se elege como a primeira mulher para a Presidência da República em 2010”. - frase ouvida de quem manda de verdade no PT por Fernando Rodrigues, jornalista – Folha de S. Paulo, 23-8-04.

Um choque de tristeza

“A eleição de Lula provocou no mundo inteiro o despertar para a necessidade de investir no social e enfrentar a tragédia da pobreza. E esse governo, esse presidente, faz o contrário do que inspira lá fora, ao vetar nossa intenção de fazer no Brasil o que inspiramos no mundo. Isso provoca um choque de tristeza, no lugar do esperado Choque Social”. - Cristovam Buarque, senador - Blog do senador, 13-8-04.

População carcerária

“Estão entrando 40 mil pessoas por ano no sistema penitenciário e saem 7.000, 8.000. Isso significa que o Brasil daqui a alguns anos pode ter meio milhão, 1 milhão de presos nesse ritmo, se a porta de entrada é muito larga e a porta de saída, muito estreita” - Nilmário Miranda, ministro dos Direitos Humanos - Folha de S. Paulo, 17-8-04.

João Paulo II: fim da peregrinação

“A saúde do Papa se debilitou seriamente. Quando ele diz: ‘Termino minha peregrinação aqui’, isso poderia significar duas coisas. Foi assim, pelo menos, que interpretaram as pessoas que o escutaram na missa campal. Foi quase sua despedida de Lourdes e pode ter sido também a de sua vida”. - Cardeal Godfried Danneels, arcebispo de Bruxelas, em entrevista ao jornal belga Het Laatste Nieuws - O Globo, 17-8-04.

“Eu queria voltar a Lourdes antes de morrer”- João Paulo II a Chirac, ao desembarcar no aeroporto de Tarbes, no sábado - Le Monde, 17-8-04.

"Eu pressinto com emoção que cheguei ao final da minha peregrinação" - **João Paulo II**, no sábado de noite, junto à gruta de Lourdes - **Le Monde**, 17-8-04.

Filosofar é aprender a morrer!

"Aprender a viver deveria significar aprender a morrer, a tomar em conta a morte, para a aceitar, a mortalidade absoluta (sem salvação, nem ressurreição, nem redenção) - nem para si nem para o outro. Desde Platão, é a velha injunção filosófica: filosofar é aprender a morrer". - **Jacques Derrida**, filósofo francês, em entrevista ao jornal francês **Le Monde**, 18-8-04.

"A responsabilidade (do intelectual) é urgente: ela nos chama a uma guerra inflexível à doxa, àqueles que se denomina de 'intelectuais midiáticos', a este discurso geral formatado pelos poderes midiáticos, eles próprios nas mãos de lobbies político-econômicos, muitas vezes editoriais e também acadêmicos" - **Jacques Derrida**, filósofo francês, em entrevista ao jornal francês **Le Monde**, 18-8-04.

"Eu tenho simultaneamente, lhe peço que acredite, o duplo sentimento que, de um lado, para o dizer rindo e imodestamente, não se começou ainda a me ler, que se há, certamente, muitos bons leitores (algumas dezenas pelo mundo, talvez), no fundo, é mais tarde que tudo o que escrevi tem a chance de aparecer; mas também, de outro lado, que quinze dias ou um mês depois da minha morte, não ficará nada. Eu lhe juro, eu creio sinceramente nestas duas hipóteses". - **Jacques Derrida**, filósofo francês, em entrevista ao jornal francês **Le Monde**, 18-8-04.

Os piqueteiros argentinos

"Nos últimos 30 anos a Argentina duplicou os níveis de pobreza, duplicou a desigualdade e isto não é grátis. O estranho seria que não ocorressem coisas como os piquetes. Eu creio que é o preço que temos que pagar pelos desastres de 30 anos" - **Javier González Fraga**, ex-presidente do Banco Central da Argentina - **Página/12**, 18-8-04.

A blindagem de Meirelles

"Minha posição é clara. As ações de improbidade pública devem permanecer na instância de 1º grau". - **Claudio Fonteles**, procurador-geral da República - **Folha de S. Paulo**, 20-8-04.

"Mas ninguém ignora que no atual governo o presidente do Banco Central é inamovível: ele dita a política econômica, que é diligentemente aplicada pelo ministro da Fazenda e pelo próprio presidente da República". - **Fabio Konder Comparato**, professor titular da Faculdade de Direito da USP - **Folha de S. Paulo**, 22-8-04.

Anistia. 25 anos. A última vitória da esquerda

"É paradoxal que a conquista da anistia tenha sido igualmente a última grande vitória da esquerda". - **Clóvis Rossi**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 22-8-04.

"O último momento de união dos diferentes grupos à esquerda do centro foi a campanha pelas Diretas-Já, vitoriosa nas ruas, mas derrotada no Congresso. Dessa derrota nasceu uma segunda derrota da esquerda, que foi a eleição indireta de Tancredo Neves/José Sarney, em 1985. Depois, foi uma derrota após a outra: a direita, com Collor, derrotou Lula e o anistiado Brizola em 1989. A direita cooptou Fernando Henrique Cardoso, em 1994, para que ele vencesse Lula, situação que se repetiria em 1998. Até a revanche de Lula, em 2002, uma vitória da esquerda, foi desvirtuada pelas políticas conservadoras do governo do PT, que adotou o "modelo herdado" do antecessor, como escreveu para o jornal Folha de S. Paulo no

*mês passado um dos principais ideólogos do petismo, o ministro Tarso Genro". – Clóvis Rossi, jornalista, **Folha de S. Paulo**, 22-8-04.*

O legado da Era Vargas

*"O que somos, hoje, somos em grande parte como um produto da era Vargas. Não foram e não são sonhos abstratos: a Petrobrás é Vargas, a Vale do Rio Doce é Vargas, e o BNDES, que tanto me orgulho de presidir, é Vargas". - Carlos Lessa, presidente do BNDES – **Folha de S. Paulo**, 22-8-04.*

*"Com Vargas, nos vimos realmente como nação. E é assim que começamos a nos ver de novo - depois do furacão neoliberal que trocou o desenvolvimento com endividamento dos militares pelo endividamento sem desenvolvimento de Fernando Henrique Cardoso-, neste momento em que a agenda recuperada de Vargas nos aponta uma continuidade entre o nacional-desenvolvimentismo dele e de sua época e o desenvolvimentismo nacional democrático de Lula". – Carlos Lessa, presidente do BNDES – **Folha de S. Paulo**, 22-8-04.*

*"[Vargas] não deve ser candidato à Presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar" – Carlos Lacerda, da UDN, na campanha presidencial de 1950, no jornal **Tribuna da Imprensa – Folha de S. Paulo**, 22-8-04.*

Obs. As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página www.ihu.unisinos.br. Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

IHU Idéias

O tema de discussão da mais recente edição do evento semanal **IHU Idéias** foi *O modo de objetivação jornalística. Práticas de jornal sob uma perspectiva foucaultiana*. A Prof.^a Dr.^a Beatriz Alcaraz Marocco, das Ciências da Comunicação da Unisinos, foi a responsável pela explanação. A professora falou aos presentes a partir de uma pesquisa realizada em jornais de Porto Alegre no período do final do século XIX ao início do século XX, analisando o discurso dos textos jornalísticos "mascarados" pela retórica da objetividade. Esses modos de objetivação jornalística foram estudados pela professora com base no pensamento de Michel Foucault.

Os leitores do **IHU On-Line**, podem conferir uma entrevista com a professora sobre o tema, publicada na 111^a edição, de 16 de agosto de 2004.

Ecoss do evento

"Achei que a professora fez uma leitura correta de Foucault, muito bem aplicada no conteúdo que ela pesquisou. Muito interessante foi a reconstrução do estudo feito por Foucault em outro local, no caso, aqui em Porto Alegre. Ela soube explorar muito bem esse lastro dele que estava em aberto".

Tiago Neumann, aluno do curso de Filosofia da Unisinos

"Como sou jornalista e estudo Filosofia me senti atraída pelo tema. Acho muito importante a questão da transdisciplinaridade e a professora Beatriz soube fazer isso muito bem na sua pesquisa. A academia tem que dar espaço para que as diversas áreas do conhecimento possam conversar".

Márcia Junges, formada em jornalismo pela Unisinos e mestranda em Filosofia na Universidade.

GETÚLIO, 50 ANOS DEPOIS

É esse o título do próximo **IHU Idéias**, evento semanal gratuito promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. A palestra que acontecerá dia 26 de agosto, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU, estará a cargo do Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, professor na PUCRS.

Nascido em 29 de janeiro de 1962, em Santana do Livramento, Juremir Machado da Silva é jornalista, historiador formado pela PUCRS, e doutor em Sociologia pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, França. Leciona nos cursos de graduação e de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social, na PUCRS. Pesquisador do CNPq, fez pós-doutorado em Sociologia da Cultura, na Sorbonne, orientado por Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin. Publicou onze livros, sendo o mais recente, **Getúlio**, recém publicado pela editora Record. Neste número publicamos uma ampla entrevista com ele. Confira acima.

O **IHU Idéias**, acontece nesta quinta-feira, dia 26 de agosto, às 17h30min, na sala 1G119.

Acompanhe, a seguir, a programação do IHU Idéias no mês de setembro:

02/09/04 – "Violência de gênero" - Prof. MS José Fernando Dresh Kronbauer – Professor na Unisinos.

09/09/04 – "Televisão e Reality Shows: estratégias de sedução das audiências" - Prof.^a Dr.^a Cosette Espíndola de Castro – Professora na Unisinos.

16/09/04 - "O século XIX no RS: olhares da história econômica" – Prof.^a Dr.^a Berenice Corsetti – Professora na Unisinos e Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monastério – Professor na UFPEL.

23/09/04 – "Mídia e Terror" - Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg – Professor na Unisinos.

30/09/04 – "A cidade afetada pela cultura digital" - Prof. Dr. Paulo Edison Reyes – Professor na Unisinos.

II Ciclo de Estudos sobre *O Método*, de Edgar Morin

O Seminário sobre *O Método V: A humanidade da humanidade. A Identidade Humana* foi a atividade realizada durante a última edição do evento **Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin**, dia 19 de agosto de 2004. Na ocasião, o Prof. Dr. Inácio Neutzling, diretor do Instituto Humanitas Unisinos, professor e pesquisador no PPG em Ciências Sociais Aplicadas

da Universidade foi o responsável pela apresentação do livro **O Método 5. A Humanidade da humanidade. A identidade humana**. No *IHU On-Line* número 111, de 16 de agosto de 2004, foram reproduzidas duas entrevistas realizadas com o filósofo e que sintetizam bem o quinto volume d'**O Método**.

Ecos do evento

"Para os que nunca tiveram acesso à obra de Morin, o evento tem sido uma oportunidade de conhecer o pensamento do filósofo. Já os que têm alguma leitura dele, estão podendo fazer uma reflexão sobre os diversos temas abordados por Morin. Ele nos passa que o principal é nos conscientizarmos de que somos habitados por várias pessoas. Precisamos aprender a lidar com a certeza e a imprevisibilidade, saber viver entre o prosaico e o poético e sermos conscientes de que é preciso ter uma cidadania terrestre".

Berenice Gonçalves Hackmann, pesquisadora e professora nas Faculdades de Taquara (FACCAT).

"Já dizia a professora que apresentou a primeira palestra desse Ciclo: 'para Morin, não existe pensamento errado, mas simplificado'. Nesse evento, estamos tendo a necessidade de pincelar o pensamento de Morin, pois é possível a construção de novas concepções a partir da sua teoria da complexidade. Para mim, o livro apresentado hoje é o mais importante, pois trata da relação entre o ser humano como indivíduo, como espécie, como sociedade. O pensamento de Morin mostra a evolução do pensamento humano".

Alfredo Copetti, formado em Direito pela Unisinos.

"Este evento está sendo muito importante para mim. As palestras fornecem um esclarecimento bem maior do que somente a leitura. Ainda estou aprendendo a conhecer Morin, mas vejo-o como um autor muito eclético, que fala sobre todas as áreas e esclarece qualquer assunto que possamos imaginar. Ele nos leva a pensar diferente, a abrir os horizontes".

Vanessa Lima, jornalista formada pela Unisul.

Sala de Leitura

A última edição do evento Sala de Leitura, realizada na tarde de 17 de agosto último, teve à frente o professor Édison Gastaldo, que apresentou o livro por ele organizado, **Erving Goffman: Desbravador do Cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. O livro é uma coletânea sobre a vida e a obra de Goffman. Confira, a seguir, a opinião de quem prestigiou o evento:

Ecos do evento

"A palestra do Prof. Edison foi muito enriquecedora. Ampliou meu conhecimento sobre a obra de Goffman, principalmente porque ele explicou os bastidores da produção científica do autor, contando como ele realizou algumas pesquisas e o impacto destas no meio acadêmico, as relações pessoais com outros pesquisadores e o contexto da época. Quando a gente se situa

no contexto histórico de uma produção teórica, fica mais perceptível qual foi a preocupação do autor ao criar os conceitos e teorias".

Paula Reis Melo, pernambucana, doutoranda em Comunicação na Unisinos.

"Acredito que o evento Sala de Leitura é um espaço muito bom para conhecermos autores e também suas teorias acerca daquilo que possa nos interessar. É também um excelente espaço de cultura proporcionado pelo Instituto Humanitas. Erving Goffman, que sempre pensou a vida em sociedade, nos deixou muitas boas impressões sobre a representação do eu na vida cotidiana. Acredito que estes espaços dentro de nossa Universidade mereceriam atenção especial na divulgação para que aquela sala estivesse sempre lotada, pois há muita coisa que não aprendemos dentro da sala de aula, como, por exemplo, as contribuições sobre a maneira como vivemos e fazemos nossa vida acontecer".

Antonia Martins, aluna do curso de História da Unisinos.

Encontros de Ética para alunos

A sala 1G119 do IHU estava lotada durante o último **Encontros de Ética para alunos**, realizado dia 16 de agosto. Mais de 50 pessoas estiveram presentes para assistir o Prof. MS Julio Cesar Walz, psicólogo clínico e professor da Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo, que falou sobre o tema *Medos visíveis e invisíveis*. Confira uma entrevista concedida pelo professor na 110ª edição do **IHU On-Line**, de 9 de agosto de 2004. A seguir, a opinião de alguns participantes do evento:

Ecoss do evento

"O tema 'Medos visíveis e invisíveis' foi especial, pois ressaltou a importância das relações de confiança que se estabelecem na infância e se estendem por toda a vida adulta; sua falta causa medos que nos paralisam diante de uma determinada situação de vida, nos impedindo de realizar nossos projetos e sonhos. Percebi que a relação de empatia e cuidado (holding) é fundamental não só na relação com o paciente, mas com nós mesmos, como cuidadores da área da saúde. Parabênzo o IHU pelo espaço de discussão de temas tão pertinentes ao nosso futuro profissional!".

Tatiane Bagatini, aluna do 8º semestre de Psicologia e bolsista de pesquisa nas Ciências da Saúde da Unisinos.

"O evento foi bastante proveitoso, pois o tema foi bem explanado, principalmente no que diz respeito a quando o medo pode ser realmente significativo a ponto de estar afetando negativamente o desenvolvimento do ser humano".

Andréia Moreira Borges, aluna de graduação em Psicologia da Unisinos.

"No nosso dia-a-dia, convivemos com diversos tipos de medos, desde aqueles que podemos perceber e tentar lidar com eles, até os medos ditos invisíveis e que habitam nossas mentes e podem até nos paralisar em casos mais extremos. É assim a mente humana e quem não

gostaria de conhecer seus medos e saber lidar melhor com eles? No Encontro de Ética sobre Medos visíveis e invisíveis foi possível discutir melhor o tema, encarar de frente o assunto e crescer com isso. Parabéns pela iniciativa das palestras”.

Vladimir Alves Vidal, funcionário da Unisinos e aluno do curso de Direito na Universidade.

”Foi muito importante ter participado da palestra sobre medos, por ser um tema que enfrentamos no cotidiano da vida. Encontrar caminhos para superar esses medos que nos rodeiam é de fundamental importância na trajetória da vida. Saber quando eles estão nos afetando demasiadamente, a ponto de se tornar um problema para o desenvolvimento equilibrado do ser humano, como agir em determinadas situações, é relevante, pois eles estão aí e precisamos enfrentá-los para superá-los”.

Zelaide Bolzan Puiatti, aluna do curso de pós-graduação, Ação supervisora e letramento da Unisinos.

A Igreja Doméstica: estratégias televisivas de Construção de Novas Religiosidades

Este é o título do **Cadernos IHU** n ° 7, 2004, de autoria do prof. Antônio Fausto Neto, doutor em Ciência da Comunicação e da Informação, mestre em Comunicação, graduado em Jornalismo e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, que já está à disposição dos interessados na Livraria Cultural. O texto é resultado da pesquisa realizada no PPG em Ciências da Comunicação, no período de 2002/2004, com a participação de bolsistas e “examina os processos de transformação do discurso religioso no contexto brasileiro, com base em estratégias desenvolvidas por instituições religiosas, permeadas por lógicas e operações midiáticas, tendo emissões televisivas como o principal objeto”. A investigação tem origem nas práticas religiosas que, nos últimos anos da década de 1990, “organizaram suas estratégias discursivas por meio do deslocamento de seus rituais da esfera do templo para o âmbito da televisão”. Ali acontece não só o uso da midiáticação como permanência da religião, mas também “uma nova forma de embate sociodiscursivo entre as instituições católica e evangélica, visando à captura de fiéis e, conseqüentemente, uma nova estruturação do mercado religioso”. Alguns títulos do sumário: a protagonização midiática, media e o reencantamento do mundo, da vigilância à massagem, “alicerces” teóricos da ação telere religiosa, um mercado para a “máquina discursiva”, a “máquina telediscursiva”: alguns elementos, estratégias: a te(le)rapia do contato, testemunhos transformados e novelas da vida real. Para maiores informações sobre os **Cadernos IHU** escreva para humanitas@poa.unisinos.br.

Projeto Pepol ganha mapeamento

No último dia 11 de agosto, Tranquilo Fiametti, apresentou ao Conselho Leopoldense de Tradições Gaúchas dados do mapeamento que está fazendo destes grupos. O mapeamento está vinculado ao *Projeto de Estudo sobre Políticas Públicas e Poder Local*, do Programa de Ação Social da Zona Sul de São Leopoldo, do IHU. Na ocasião, estavam presentes 65 representantes de 27 grupos tradicionalistas. Em São Leopoldo, existem 45 grupos

tradicionalistas, sendo que nem todos são filiados ao Conselho Leopoldense de Tradições Gaúchas. A maioria deles foram criados de 1981 a 2000. O mapeamento objetiva identificar e articular o potencial do poder local a partir das organizações locais como um dos espaços de organização e reorganização da sociedade civil, que interagem com o poder público; que se traduzem em espaços informativos e formativos; que incidem em políticas públicas; que interagem com o desenvolvimento humano e que perseguem a conquista e ampliação da cidadania.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER



Ana Karina Cunha

*Coordenadora executiva do curso de Administração Hospitalar da Unisinos desde 2001, a professora Ana Karina Cunha conta, na entrevista a seguir, como alcançou a meta de ser professora para poder contribuir e ajudar na formação dos administradores hospitalares. Na edição de hoje, ela compartilha com os leitores do **IHU On-Line** suas principais experiências pessoais e profissionais. Conheça um pouco mais dessa porto-alegrense que valoriza muito o convívio familiar e adora ir ao cinema.*

Origens e família - Nasci em Porto Alegre, em 1972. Minha mãe é advogada e meu pai é engenheiro agrônomo. Eles tiveram cinco filhos, sendo que o mais velho é adotivo e logo depois vim eu. Nossa família é grande e por isso temos essa característica de valorizar o convívio familiar e a casa sempre cheia de gente. Meus pais têm uma casa de campo, onde passamos muitos finais de semana. Essa é outra característica de nossa família, o gosto pelas coisas do campo, mesclado com a vida urbana. Hoje os encontros da família freqüentemente são lá. Eu sou casada desde 2000 com o André, que é analista de sistemas. Ainda não temos filhos. Conhecê-lo foi uma dádiva, pois hoje muitos momentos felizes acontecem ao lado dele.

Formação - Estudei todo o primeiro e segundo grau na mesma escola, que foi o Colégio Marista São Pedro, em Porto Alegre. Ao terminar o terceiro ano, eu prestei vestibular para Engenharia Química na PUC, Administração na UFRGS e Administração Hospitalar na Unisinos, que foi a opção escolhida. Fiz essa escolha pela oportunidade que me foi oferecida. Houve uma parceria entre a Unisinos e a Sociedade São Camilo, de São Paulo que foi quem trouxe a graduação em Administração Hospitalar para o Rio Grande do Sul. Os selecionados no vestibular eram convidados a participar de outra seleção, de uma empresa chamada GH Sul (Gerência Hospitalar do Sul), afiliada da Sociedade São Camilo. As pessoas escolhidas por essa empresa receberiam estágio remunerado e bolsa auxílio para a faculdade. Eu fui uma delas. Em 1990, no mesmo dia em que comecei o curso, iniciei o estágio. Formei-me em agosto de 1995 e, durante o ano de 1996, cursei a especialização em Engenharia da Qualidade, na PUCRS. Em 2000, ingressei no mestrado em Administração da Unisinos, concluído em 2002.

Dificuldades resultam em apoio - Como éramos a primeira turma de graduação em Administração Hospitalar no Estado, enfrentamos algumas dificuldades no decorrer da formação. Era complicado encontrar recursos humanos capacitados para ministrar as aulas aqui. Éramos uma turma pequena e o mercado tinha a demanda de profissionais da área. Por isso, eu e todos os meus colegas fizemos estágio no decorrer da formação. Nós nos sentíamos muito capazes para buscar aperfeiçoamento e para ajudar na formação de outros profissionais. Acreditávamos que poderíamos fazer melhor e sentíamos dificuldades quando aparecia um professor que não atendia nossas necessidades. Dar aula na Unisinos era uma meta, para poder oferecer aos outros alunos aquilo que nos faltou. Dos 50 alunos que ingressaram no curso em 1990, apenas 7 se formaram cinco anos depois. E todos esses 7, incluindo eu, estão hoje na área da Educação.

Profissão - A experiência na GH Sul foi muito importante. Eu convivi direto com os administradores que estavam na gerência das instituições de saúde. Todo o clima e a linguagem da área passaram a fazer parte do meu dia-a-dia. O estágio permitia o trabalho em diferentes hospitais e diversos setores, o que me deu a oportunidade de passar por todas as áreas de um hospital, durante os dois anos de estágio. Trabalhei em hospitais de Novo Hamburgo, Canoas, Porto Alegre, Estrela, Santa Cruz, e até em São Paulo. Terminado o estágio, fui efetivada na empresa, como consultora júnior. Eu assessorava os hospitais no quesito de atendimento a clientes e estatística hospitalar. Depois de dois anos, no meu último ano de faculdade, recebi uma promoção na GH Sul. Agreguei outras funções, como a área de faturamento e planos de saúde, atendendo hospitais do Rio Grande do Sul. Quando me formei na faculdade, passei a atender hospitais de todo o Brasil. No ano de 1997, fui convidada pelo professor Fernando Torelly, então coordenador do curso de Administração Hospitalar, para ser professora na Unisinos, em uma turma de documentação médica. Aceitei e até hoje sou professora na Universidade.

Coordenação de Curso - O convite para assumir a coordenação adjunta do curso, em 2000, ao lado da professora Dagmar Rosana Sordi, foi uma surpresa muito positiva. Em 2001, ela passou à vice-direção do antigo Centro 5, e eu fiquei com o cargo de coordenadora executiva da Administração Hospitalar. Isso estava dentro das metas que eu tinha estabelecido. Se eu queria ser professora para poder contribuir e ajudar na formação dos administradores hospitalares, na coordenação eu tive muito mais possibilidades para isso.

Administração Hospitalar hoje - Assim como outras áreas, a área da saúde também passa por um processo de transformação. As necessidades e os recursos são limitados. Por conta disso, é evidente a importância da profissionalização da gestão das instituições vinculadas à área da saúde. Hoje ainda vemos instituições geridas de maneira amadora, sem controles e processos estabelecidos. Isso tem reflexos. Estamos falando de uma coisa muito cara, no sentido de valor, para as pessoas, que é a saúde. Vejo cada vez mais presente o profissional de Administração Hospitalar no contexto atual. Ele acaba atuando na área da saúde, seja ela pública ou privada, em um hospital, em um posto de saúde, ou em uma clínica ou laboratório, porque todos esses serviços se complementam na atenção à saúde da comunidade. Hoje eu consigo enxergar isso como um sistema, onde todas as partes têm que interagir. Existem profissionais que são capacitados para fazer com que tudo isso, do ponto de vista administrativo, aconteça da melhor forma. O que buscamos é o espaço de gerir as organizações, considerando todas essas peculiaridades e características, porque é diferente falar de um hospital e de uma indústria. Queremos que médicos, enfermeiros, nutricionistas,

administradores, fisioterapeutas e todos os membros da equipe de saúde tenham seu espaço de atuação. Um complementa o outro, não são excludentes. Há organizações que são referências nacionais porque conseguiram identificar isso.

Autor - O camiliano¹⁰ Niversindo Cherubin é um autor que contribuiu em muito para minha formação. Ele foi um dos precursores da Administração Hospitalar no Brasil e trouxe essa temática através da Sociedade São Camilo. Cherubin sempre escreveu muitos livros e, como na nossa área não temos uma vasta bibliografia, ele sempre foi tido como referência.

Livro - *Quando Nietzsche chorou*, de Irvin Yalom. Adorei esse livro, porque tenho como desafio a busca pelo conhecimento mais direcionado à área das ciências humanas, ao entendimento das pessoas e à Psicologia. Entender as relações humanas é um assunto que sempre me inquietou. É um universo fascinante a ser descoberto.

Filme - Gostei muito de *Adeus Lênin*, de Wolfgang Becker. Chamou-me a atenção pela questão das relações familiares.

Um presente - Jóias. Não é algo simples, eu sei, mas não gosto delas pelo valor. Vejo a jóia como uma possibilidade de mostrar em uma pequena peça, um grande trabalho. Vejo-a como arte. Gosto de ver representado em um objeto o trabalho e a expressão de uma pessoa. Também gosto de esculturas e quadros.

Nas horas livres - Ir ao cinema e andar a cavalo.

Um sonho - Continuar sendo feliz.

Momento marcante - Minha primeira experiência como docente, a realização de alcançar algo pelo qual eu tanto lutei. A experiência em sala de aula é, até hoje, sempre marcante.

Unisinos - É um lugar de aprendizado e realização de sonhos. Hoje ela e todos nós estamos passando por um processo de transformação, em que a única certeza é a mudança. Por todos esses laços estabelecidos, com a Universidade, desejo que ela permaneça como entidade que é: séria, de qualidade e de referência no Ensino Superior.

IHU - Eu vejo o Instituto Humanitas e todas as ações que ele desenvolve como algo muito importante. Ele é o veículo de comunicação entre todas as temáticas relacionadas à formação da pessoa humana na Unisinos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

¹⁰ Camiliano se denominam as pessoas que integram a congregação religiosa fundada por S. Camilo de Lélis, que trabalha, primordialmente, com a área da saúde. (Nota do *IHU On-Line*)

SALA DE LEITURA



"No pequeno período de recesso de julho, li **Baudulino**, de Umberto Eco. Rio de Janeiro: Record. 2001, 459 páginas, o que para mim é muito interessante, por fugir um pouco das leituras técnicas do cotidiano. É uma obra fantástica, e o autor certamente dispensa apresentações. É o quarto romance de Eco, depois de **O nome da Rosa**, **O pêndulo de Foucault** e **A ilha do dia anterior**. O personagem central, que dá nome à obra e, ao mesmo tempo, narra a estória é muito interessante, ora herói, ora mentiroso. Ao contrário de **O Nome da Rosa**, que trata de um mundo monástico, este enfoca situações laicas, do Império de Frederico de Barbarroxa, que adota Baudulino quando tem 13 anos. A partir daí, logo aprende a escrever, entende os dialetos e por fim aprende a contar estórias, sempre exagerando, pois quem quer se transformar em um homem de Letras e inventar histórias deve mentir, sob pena de a História ficar monótona. Na visão semiótica do mestre de Bolonha, aparecem inúmeras situações interessantes e frases dignas de reflexão, como: 'Não sei exatamente onde fica, mas saberia como chegar até lá, pois aquele que conhece a meta, conhece também o caminho' (p. 189); ou 'Digamos que eu conte os dias de viagem diferentemente de ti, ou que chame de direita o que chamas de esquerda'". (p. 192). Aconselho!".

Prof. MS Luiz Gonzaga Adolfo, professor do Curso de Direito da Unisinos, mestre em Direito, doutorando em Direito na Unisinos, e membro do Núcleo de Direito da Propriedade Intelectual da Unisinos.



"Um livro que li e gostei muito é **Fomos Maus Alunos**, de Gilberto Dimenstein e Rubem Alves. Campinas: Papyrus, 2003, 128 páginas. O livro é a transcrição de uma conversa informal entre Rubem Alves e Gilberto Dimenstein, que relatam estórias, experiências e algumas reflexões sobre a educação escolar que tiveram. Embora tenham acontecido em épocas diferentes, se mostraram muito parecidas: ambos tiveram a experiência de serem vistos como maus alunos. É um livro fabuloso que nos leva a refletir sobre nossa própria educação e a nos questionarmos sobre nossa atuação como educadores. Recomendo a todos os professores que o leiam".

Prof.ª MS Zeliane Santos de Arruda, graduada em Matemática, mestre em Matemática Aplicada e professora nas Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos

[\(Voltar ao índice\)](#)

CARTAS DO LEITOR

Eugenia e Bioética

"Gostaria de sugerir à equipe organizadora dos informativos do IHU a leitura de um artigo sobre Eugenia e Bioética cujo título é: *Eugenia e Bioética: Os Limites da Ciência Face à Dignidade Humana*, de autoria do Doutor Eduardo de Oliveira Leite, advogado paranaense, que foi incluído na *Revista Jurídica* - número 321 - Julho/2004. Embora o texto tenha sido incluído em uma revista jurídica e seja da lavra de um advogado, o assunto em momento algum descamba para o tecnicismo jurídico ou para os jargões forenses, sendo de fácil entendimento e agradável organização. Além disso, o artigo faz um relato histórico da evolução do conceito de eugenia

nos EUA e na Europa, até culminar com a distorção cruel e abominável verificada nos campos de concentração nazistas. Como o assunto é atual e gera, com frequência, consistentes polêmicas, entendo que seria interessante a utilização das informações ali contidas para discussões futuras.

Gostaria de parabenizar o IHU pela forma brilhante de enriquecer as discussões presentes na sociedade brasileira.

Obrigado, Müller

Participe das enquetes do IHU

O sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) propõe mais uma enquete esta semana. A pergunta atual é a seguinte: "Gilberto Vasconcellos, na entrevista publicada nesta semana no **IHU On-Line** afirma que "a era Vargas poderia ter realizado a revolução brasileira se não tivesse sido interrompida em 1945 pelo golpe imperialista, em 1954 pela conspiração da UDN pró-americana, depois por Dutra, boneco de eletrodoméstico, por JK "frixopi", por Jânio entreguista, pela deposição do nacionalista João Goulart, pela truculência do golpe de 1964, seguido da comédia de direita de Sarney, Collor, FHC e Lula". Sobre essa afirmação, você:

- Concorda.
- Concorda em parte
- Discorda
- Não tem opinião

Na semana passada, o tema clonagem pautou a enquete. Os internautas opinaram sobre a informação "A Grã-Bretanha autorizou, no dia 11 de agosto, a clonagem de embriões humanos para utilizar as suas células em pesquisas sobre diabetes, mal de Parkinson e Alzheimer". Esta é uma decisão que os votantes:

Aprovam, com 35.48% dos votos.
Desaprovam, com 51.61% dos votos.
Não têm opinião formada, com 12.90% dos votos.

Comentários sobre a enquete enviados pelos internautas:

Desde que seja apenas para resolver problemas com doenças.

Acredito que teremos que amadurecer a discussão acerca da valorização da vida embrionária e dos limites da ciência e da bioética, uma vez que a utilização de células de embriões e as eventuais conseqüências advindas da utilização desse tipo de método "eugênico" (o descarte de "experiências mal sucedidas", por exemplo) podem traçar caminhos permeados de princípios anticristãos, inclusive evoluindo para situações semelhantes à da Alemanha nazista do período da 2.ª GGM. A pesquisa científica é importante e dignificante, mas a utilização de embriões humanos parece ultrapassar, ao menos em princípio, os limites do respeito ao outro e à obra da experiência Divina.

Se autoriza a clonagem de células, automaticamente já autoriza a clonagem humana. E isso apavora só de imaginar!

Onde fica o respeito a esse ser humano, único, princípio ético como o valor subjetivo é ignorado para demonstrar resultados científicos que nem sabem se dará certo.

Não acredito que a ciência possua condições reais, materiais de trabalhar em clonagens humanas nem mesmo para fins de pesquisa para cura de doenças. ainda há muito que avançar neste campo. além do mais, sou contrária a clonagem de uma forma geral...

Acesse www.ihu.unisinos.br e expresse sua opinião.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – , da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS